

ROBERTO GONÇALVES MARTINI

JOGOS COOPERATIVOS NA ESCOLA: A CONCEPÇÃO DE PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2005

ROBERTO GONÇALVES MARTINI

JOGOS COOPERATIVOS NA ESCOLA: A CONCEPÇÃO DE PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia da Educação, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Laura Puglisi Barbosa Franco.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2005

RESUMO

Como contribuir para uma prática na Educação Física Escolar que tenha maior coerência com os desafios vividos pela Educação hoje, como inclusão, participação, cooperação, solidariedade e exercício de cidadania?

Essa questão norteou a definição do nosso problema de pesquisa: **Qual a concepção dos professores de Educação Física Escolar sobre os Jogos Cooperativos?**

O objetivo da pesquisa foi levantar dados que possam contribuir para o aprofundamento da discussão sobre os Jogos Cooperativos na Educação Física Escolar.

Na busca de atingir nosso objetivo, dividimos o trabalho em duas etapas:

Na primeira, partindo da revisão bibliográfica, procuramos explorar aspectos da Educação, da Educação Física e dos Jogos Cooperativos pertinentes ao contexto dessa pesquisa.

Na segunda etapa, buscamos levantar os dados referentes às concepções dos professores de Educação Física sobre os Jogos Cooperativos. Com esse objetivo, realizamos entrevistas com oito sujeitos. Após tal levantamento, categorizamos as respostas, analisamos e interpretamos os dados.

Os dados levantados revelaram as seguintes concepções dos sujeitos: não haveria possibilidade de equilíbrio e co-existência entre os Jogos Cooperativos e Competitivos nas aulas, ou seja, a opção por uma estrutura implicaria na exclusão da outra; os Jogos Cooperativos podem contribuir positivamente para a Educação Física, no entanto, não foram explicitados conceitos e características que demonstrassem o conhecimento de tais jogos; quando os Jogos Cooperativos foram apontados como parte integrante da prática dos sujeitos, eles ficaram restritos à ação individual do professor, não demonstrando articulação com outros docentes ou equipe técnica da escola; e, ainda, a prática dos Jogos Cooperativos tem pouca repercussão em um mundo competitivo.

Os resultados apontam que os Jogos Cooperativos são um conhecimento ainda novo e pouco explorado, necessitando por isso de um número maior de pesquisas que conduzam a desdobramentos na prática docente, e para a necessidade de uma articulação coletiva na escola, que possa subsidiar e potencializar a prática dos Jogos Cooperativos, ampliando sua ação para além do espaço das aulas de Educação Física.

ABSTRACT

How to contribute to the practice in Physical School Education to have more consistence with the challenges lived nowadays by the Education, as inclusion, participation, cooperation, solidarity and the exercise of citizenship?

This matter has guided the definition of our research question: **What is the idea that Physical Education school teachers have about Cooperative Games?**

The aim of this research has been to raise facts that can contribute to go through the discussion about Cooperative Games in Physical School Education.

To reach this goal, we divided the work in two parts:

In the first part, based on the bibliographical review, we tried to explore aspects of Education, Physical Education and Cooperative Games relevant to the context of this research.

In the second part, we tried to look for the facts concerning to the conceptions from Physical Educational teachers about Cooperative Games. With this objective, we applied interviews with eight people. After this survey, we graded the answers, analyzed and interpreted the facts.

The raised facts revealed the following conceptions from the people: that there would not be a possibility of balance and co-existence between Cooperative and Competitive Games in the classes, as the option for the use of one of these structures would imply the exclusion of the other;

Cooperative Games can contribute positively for Physical Education, although, facts and features of these games were not shown;

when Cooperative Games appeared as part of the peoples practice, they were restricted to the individual action of the teacher, not demonstrating articulation with the teaching staff or the technical team of the school;

and so, we noticed that the practice of Cooperative Games has small echo in a competitive world.

The results point out that Cooperative Games are still a new knowledge and very little explored, needing a bigger amount of researches that would lead to a new way of teaching, and to the necessity of a collective articulation in the school, that can subsidize and give power to the practice of Cooperative Games, increasing this action beyond Physical Education classes.

Dedico esse trabalho a minha esposa Claudia da Silva Miranda, parceira neste desafio e em muitos outros.

Aos filhos Isadora e Pedro, que iluminam minha vida.

A Avelino Martini e Nilce Gonçalves Martini, por estarem presentes em tudo que faço.

A todos os meus familiares, por celebrarem a vida comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela acolhida.

Aos sujeitos da pesquisa, por todas as contribuições.

A Prof^a. Maria Laura P. B. Franco, pela contribuição e carinho.

A Prof^a. Wanda Maria Junqueira de Aguiar, pela disposição em estender a mão e ajudar.

Ao Professor Roberto Rodrigues Paes, pelo incentivo e pelo diálogo aberto e verdadeiro.

A Prof^a. Abigail Alvarenga Mahoney, pelo olhar carinhoso e pela atenção.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação.

A todos os colegas do mestrado, pelo companheirismo e pelas conversas gostosas na hora do café.

Ao amigo Reinaldo Soler, pela vibração ao falar sobre Jogos Cooperativos.

Agradeço ao grupo do Projeto Cooperação, pelo exercício de convivência.

A todos os alunos que já tive.

Aos alunos e professores da Pós-Graduação em Jogos Cooperativos.

Agradeço a Fábio Otuzi Brotto, pela amizade e pelos vãos.

Agradeço especialmente ao Professor Marcos Antonio Lucci, pela dedicação e contribuições decisivas para a realização desse trabalho. Obrigado também pela amizade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO FÍSICA: Resgate histórico.....	19
CAPÍTULO II – JOGOS COOPERATIVOS.....	26
1. O Jogo.....	26
2. Jogos Cooperativos: conceitos e características.....	31
3. Categorias dos Jogos Cooperativos.....	36
4. Cooperação e Competição: Um olhar mais atento.....	40
5. Algumas Aproximações.....	45
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	62
1. Caracterização dos sujeitos.....	62
2. Análise e interpretação dos dados.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131
ANEXO.....	134

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS

Fig. 1 – Cidades onde estão localizadas as escolas em que os sujeitos lecionam.....	64
Fig. 2 – Instituição em que os sujeitos concluíram o curso de graduação.....	64
Fig. 3 – Ano em que os sujeitos concluíram o curso de graduação.....	65
Fig. 4 – Cursos complementares, realizados pelos sujeitos, nos últimos três anos.....	66
Fig. 5 – O tempo de atuação dos sujeitos no magistério.....	66
Fig. 6 – O grau de ensino em que os sujeitos lecionam.....	67
Fig. 7 – O número de aulas semanais que os sujeitos lecionam.....	68
Fig. 8 – Número de aula dos sujeitos, na rede particular e pública.....	68
Quadro 1 – Categorias nomeadas para a questão 01.....	78
Quadro 2 – Categorias nomeadas para a questão 02.....	83
Quadro 3 – Categorias nomeadas para a questão 03.....	89
Quadro 4 – Categorias nomeadas para a questão 04.....	92
Quadro 5 – Categorias nomeadas para a questão 05.....	95
Quadro 6 – Categorias nomeadas para a questão 06.....	100
Quadro 7 – Categorias nomeadas para a questão 07.....	102
Quadro 8 – Categorias nomeadas para a questão 08.....	109
Quadro 9 – Categorias nomeadas para a questão 09.....	114

INTRODUÇÃO

Se desejarmos alcançar a paz real no mundo, devemos começar com as crianças; e, se elas crescerem preservando sua inocência natural, não teremos que lutar, não teremos que passar por resoluções ideais infrutíferas, mas evoluiremos no caminho de amor e paz, até que finalmente todos os quadrantes do planeta estejam envolvidos nesse sentimento de paz e amor pelo qual - consciente ou inconsciente – o mundo inteiro está ansiando.

GANDHI

Este sentimento apontado por Gandhi e compartilhado, possivelmente, por boa parte da população do planeta é refletido em muitos setores da sociedade, entre eles, os ligados à Educação, fazendo com que o anseio coletivo por um mundo melhor se manifeste também no espaço escolar.

Deste movimento emergem importantes reflexões, traduzidas em grande parte nas propostas educacionais. Como exemplo disso temos os Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto organizado por Jacques Delors, “Educação: um tesouro a descobrir” e, ainda, o texto “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, coordenado por Edgar Morin. Essas obras buscam rever os conteúdos da escola, a forma de abordá-los e, conseqüentemente, o ser humano que se pretende educar e as competências que dele são exigidas hoje.

Nesse sentido, a Escola vem sendo constantemente convidada a lançar um novo olhar sobre sua prática, reconhecendo muitas vezes a necessidade urgente de

uma ação pedagógica voltada para o exercício da cidadania, da cooperação, da inclusão, da participação e da solidariedade.

Nessa perspectiva, Delors (2003) observa que: *“A educação para a tolerância e para o respeito do outro, condição necessária à democracia, deve ser considerada como uma tarefa geral e permanente”*. (p. 58)

Nesse contexto, a disciplina de Educação Física também se encontra num processo de revisão de sua prática, buscando organizar algumas possíveis contribuições. Um de seus guias, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), apontam para uma perspectiva metodológica de ensino-aprendizagem na Educação Física que privilegie *“o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos”*. (p. 30)

Dessa forma, os professores que atuam na área são constantemente desafiados a, entre tantas diferenças individuais, facilitar o acesso de todos, também por meio de sua prática. Mas este não é um desafio dos mais fáceis, principalmente porque a Educação Física, enquanto disciplina do currículo escolar, apresenta uma prática que historicamente vem sendo pautada na competição, na busca de novos talentos e conseqüentemente na desvalorização e exclusão dos menos hábeis.

Práticas como jogos, esportes, danças, ginástica e brincadeiras, que são conteúdos da Educação Física Escolar, quase sempre têm o foco apenas na habilidade motora e na performance.

Nesse sentido, temos visto ao longo de muitos anos um número considerável de alunos que, por não apresentarem o perfil esperado e, muito menos, as habilidades exigidas para obter sucesso nas atividades citadas, muitas vezes são excluídos de boa parte das aulas.

Esta forma de ser/fazer Educação Física deixa de reconhecer que nos jogos, nos esportes, nas danças e nas brincadeiras também manifestamos uma série de habilidades humanas essenciais, como solidariedade, respeito, confiança e cooperação. E, ainda, que por meio da prática corporal o ser humano pode ser envolvido, não apenas no aspecto físico, mas em suas várias dimensões: afetiva, cognitiva e social, entre outras.

Nos últimos anos temos observado algumas ações no sentido de rever a prática da Educação Física, buscando coerência com os movimentos atuais da Educação que pregam a inclusão e a maior participação dos alunos nas situações de ensino-aprendizagem desenvolvidas pela escola. Entre essas ações, a prática dos Jogos Cooperativos vem ganhando um espaço cada vez maior, seja em cursos, palestras, publicações ou ainda como bibliografia indicada para concursos públicos em diferentes regiões do país.

Na base desses jogos está a inclusão de todos, a união do grupo e a valorização, não apenas de quem ganha, mas das pessoas que estão jogando.

Essa situação suscitou-nos algumas questões: se um dos objetivos da Educação é a promoção da socialização e, por extensão, todos os efeitos que ela produz e, no espaço escolar, todas as disciplinas devem convergir para que esse objetivo seja alcançado, por que a Educação Física trabalha em sentido contrário, socializando pela competição? Por que os Jogos Cooperativos, como conteúdo da Educação Física Escolar, não são amplamente utilizados, já que, como o próprio nome diz, propicia a cooperação?

Esses questionamentos nos levaram a algumas hipóteses: a não utilização dos Jogos Cooperativos pode estar ligada ao desconhecimento de tal conteúdo por parte dos docentes; a utilização dos Jogos Competitivos talvez se prenda ao fato de que eles, na visão dos docentes, tornem as aulas mais atrativas do que nas que são utilizados os Jogos Cooperativos; ou ainda, os Jogos Cooperativos não teriam muita utilidade, já que a competição sempre prevalece entre as pessoas.

Ao refletir sobre tais questões e hipóteses, percebemos que as possíveis respostas a elas emergiriam da investigação de outra problemática: qual a concepção dos professores de Educação Física Escolar sobre os Jogos Cooperativos?

Os dados levantados nesta pesquisa trouxeram importantes elementos para discutirmos o papel dos Jogos Cooperativos na Educação Física, bem como o de subsidiar a estruturação de uma prática comprometida com as necessidades reais vividas pelos alunos e pela escola hoje. Dessa forma, a relevância deste estudo está na busca de argumentos que contribuam para essa prática, além de propiciar a este pesquisador conhecimentos que o nortearão no seu papel de formador de professores.

Desse modo, o objetivo de nossa pesquisa foi trazer à luz dados que possam contribuir para as discussões sobre a prática dos Jogos Cooperativos na Educação Física Escolar.

Para o atingirmos o objetivo proposto, buscamos fundamentos nos autores a seguir mencionados.

Na abordagem de Lino Castellani sobre a história da Educação Física, na qual o autor resgata criticamente as diferentes influências sofridas pela disciplina ao longo de sua história no Brasil.

Nos postulados de Huizinga (1938), que reconhece no Jogo um importante aspecto da nossa cultura e que transcende a visão de uma atividade puramente física ou biológica, descarga de energia, necessidade de distensão, exercício de autocontrole ou ainda um instinto de imitação. Para o autor, o Jogo abarca a idéia de totalidade, estando presente em muitas das nossas manifestações, entre elas na arte, na guerra, no direito, na poesia e nos rituais.

Ainda com relação ao Jogo, tivemos também como referência os estudos de Roger Caillois que se dedicou a uma investigação detalhada sobre o Jogo e que está contida na obra intitulada “Os jogos e os homens” (1958).

Tivemos ainda como base os Jogos Cooperativos, na perspectiva de Terry Orlick, especialmente no trabalho desenvolvido e registrado no livro “Vencendo a competição” (1978); nele o autor busca referências na Antropologia, na Sociologia e na Psicologia para justificar a cooperação como um valor fundamental capaz de solucionar muitos problemas da nossa sociedade.

Consideramos também a abordagem de Fábio Brotto descrita no livro “Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência” (2001), no qual o autor amplia a visão sobre os Jogos Cooperativos, articulando-os com a pedagogia do Esporte.

Foi, ainda, na perspectiva de Orlick e Brotto que convergem para uma visão do Jogo Cooperativo como possibilidade de potencializar as qualidades do ser humano que buscamos referências.

Com relação à Educação tomamos por base a concepção apresentada por Paulo Freire (1996), de que a educação é uma forma de intervenção num mundo em transformação, portanto ainda não acabado. Também no reconhecimento do educador como pessoa responsável pela articulação dessas mudanças, por meio da ação em sala de aula que facilite a construção da autonomia e o exercício da cidadania.

Ainda com relação à Educação, nos baseamos na perspectiva apontada por Jacques Delors, no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, que reconhece na Educação e na prática da Democracia uma relação de sinergia, bem como a constatação de que promover uma educação inclusiva de respeito às diferenças é hoje um desafio emergente.

Na abordagem sobre Educação Física, tivemos como ponto de partida, suas características e tendências, apontadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, nas quais, as múltiplas possibilidades humanas presentes na prática de atividade física, entre elas, por exemplo: a cognitiva, a afetiva, a corporal, a ética e a social.

E ainda a apropriação da cultura corporal de movimento por parte do aluno, enquanto um conhecimento socialmente produzido, como uma das tarefas essenciais da Educação Física.

POR QUE JOGOS COOPERATIVOS?

A escolha por investigar a concepção de professores de Educação Física escolar sobre os Jogos Cooperativos é fruto da compreensão de que as estruturas dos Jogos Cooperativos podem intervir muito positivamente nas aulas de Educação Física, especialmente porque tais estruturas vão ao encontro dos movimentos

atuais da Educação que apontam para uma escola na qual valores, como participação, inclusão, solidariedade e cooperação estejam presentes com maior frequência.

Nossa escolha por Jogos Cooperativos também está fortemente vinculada ao sentimento de que ter menos habilidades, ser mais baixo, mais magro ou mais pesado do que a maioria não devam ser motivos que justifiquem a exclusão de alunos das aulas de Educação Física. Mesmo porque, numa sociedade em que as exclusões já são tão freqüentes, temos bons indicadores de que os homens necessitarão cada vez mais aprimorar a habilidade de cooperar.

No entanto, como toda escolha envolve uma visão, é importante que olhemos com mais atenção para as escolhas que temos feito para que nossos objetivos fiquem cada vez mais claros.

Para Leite e Tassoni (2002), a escolha dos objetivos de ensino não é uma opção que envolva meramente uma questão técnica, ao contrário, para os autores, é *“uma decisão que sempre reflete valores”*. (p.132). E ainda, na perspectiva dos autores, grande parte dos conteúdos do ensino tradicional não tem vínculo com o dia-a-dia da vida social dos alunos, o que colabora para que as ações da escola sejam alheias à realidade.

Dessa forma, assumimos nossa escolha e os valores agregados a ela, entre eles, a cooperação, a solidariedade, a participação e a inclusão, valores que entendemos serem vividos por meio da prática dos Jogos Cooperativos.

Portanto, quando buscamos investigar os Jogos Cooperativos no contexto da Educação Física Escolar, reconhecemos a sua importância e a legitimidade como um conteúdo relevante, considerando o momento que a nossa sociedade vive.

Como última justificativa de nossa escolha, reconhecemos que excluir pessoas por falta de habilidade, seja ela qual for, ou por falta de competência, não nos parece uma decisão acertada para a Educação Física. Caso o objetivo da disciplina seja contribuir com os principais desafios da Educação hoje, parece-nos mais coerente criar estratégias para que todos joguem “juntos” e que as competências de Todos estejam a serviço do Todo.

Orientada pela nossa problemática, objetivo e fundamentação, a comunicação do presente estudo foi estruturada a partir das seguintes ações:

No primeiro capítulo, intitulado **Educação Física: resgate histórico**, apontamos as principais influências que marcaram a atuação da disciplina ao longo de sua história no Brasil, bem como o momento de crise vivido por ela.

Destacamos ainda as principais tendências pedagógicas, como forma de delinear os movimentos que sinalizaram com possibilidades de transformação da prática da Educação Física nas escolas.

No segundo capítulo, **Jogos Cooperativos**, partimos de uma investigação do jogo enquanto fenômeno humano. Em seguida, abordamos a visão dos Jogos Cooperativos, seus conceitos, características e suas categorias. Neste capítulo destacamos ainda algumas contribuições de tais jogos, especialmente em relação aos objetivos educacionais.

Quanto ao terceiro capítulo, foram descritos os **Procedimentos Metodológicos** utilizados na pesquisa. Relatamos os procedimentos adotados para a aplicação do questionário e ainda todo o processo detalhado para a elaboração da entrevista, desde o pré-teste, a estruturação das questões, até sua realização, o contato com os professores e as dificuldades encontradas.

Em nosso quarto capítulo, denominado **Análise e Interpretação dos Dados**, iniciamos com a caracterização dos sujeitos. Em seguida, descrevemos todas as etapas do processo de criação e nomeação das categorias. Após a descrição desse processo, apresentamos os quadros sínteses referentes a cada questão e, em seguida, a análise dos dados.

Como fechamento são apresentadas as nossas considerações acerca dos dados analisados e o que eles nos apontam.

CAPÍTULO - I

EDUCAÇÃO FÍSICA: RESGATE HISTÓRICO

Ao longo de sua história mais recente no Brasil, a Educação Física sofreu influências de diferentes correntes políticas, filosóficas, científicas e pedagógicas. Tais influências foram traduzidas pela incorporação de alguns papéis aos objetivos que caracterizaram sua prática no país. Entre essas influências, destacam-se a médico-higienista, a militarista e a desportiva.

Num primeiro momento, após a Proclamação da Independência do Brasil, a Educação Física, chamada até então de Ginástica, contava com total apoio da classe médica, e sua prática salutar era incentivada como forma de prevenção de doenças. Nessa perspectiva, a ginástica poderia contribuir para a saúde da população e fortalecer o ideal de uma nova nação.

Segundo Castellani (1991),

....a Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo forte, saudável, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo da condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século, buscava construir seu próprio modo de vida. (pág. 39)

Para atingir esse ideal, buscou-se implantar a Ginástica na escola, surgindo a partir daí um fato novo: a elite do país passa a não ver com bons olhos a prática da atividade física, que naquele momento foi associada ao trabalho braçal desenvolvido até então pelos escravos. Dessa forma a elite da época julgou que a

prática da Ginástica seria incoerente com as tarefas que ela deveria desenvolver, vinculadas ao trabalho intelectual. (Castellani, 1991)

A partir desse entrave, um longo debate foi desenvolvido por vários segmentos da sociedade. Entre as pessoas que se articulavam na busca de justificativas para a implantação da prática da Ginástica na escola estava Rui Barbosa, que chegou a manifestar-se por meio de um parecer que visava à reforma do ensino primário.

Segundo Castellani (1991):

Em tal parecer, proferido na sessão de 12 de setembro de 1882 da Câmara dos Deputados, Rui Barbosa deu à Educação Física um destaque ímpar em seu pronunciamento, terminando por sintetizá-lo em propostas que foram desde a instituição de uma sessão especial de Ginástica em escola normal (inciso primeiro), até a equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de Ginástica aos de todas as outras disciplinas (inciso quarto), passando pela proposta da inclusão da Ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio e depois das aulas. (pág. 47)

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a Educação Física recebe oficialmente a influência de métodos militares, entre eles o alemão, o sueco e o francês.

Tais métodos militares tinham como característica principal a padronização e a reprodução dos movimentos, bem como a manutenção da disciplina e da ordem, sempre presentes, características que são, até os dias atuais, objetivos de muitos professores da área.

Com relação a esse período, Gallardo (1998) observa que:

...além das funções eugênicas, higiênicas, militares, disciplinares e moralistas associadas à Educação Física, também existia a preocupação com o condicionamento visando ao progresso econômico da

nação – tendência, aliás, que predominava na rede oficial de ensino. (pág.18)

Essa prática disciplinadora e pouco crítica fez parte do contexto da Educação Física por muito tempo, conseqüentemente, professores e alunos assumiram uma postura coerente com tal modelo, isto é, os professores comportando-se como sargentos e os alunos, como soldados.

Num passado mais recente, na década de 70, a Educação Física assume um papel importante, como veículo impulsionador da prática do esporte no país.

Para Castellani (1991), o estímulo à prática esportiva tinha como pano de fundo a intenção da classe dirigente de cuidar do desenvolvimento e da segurança nacional.

A importância atribuída à prática do esporte fez com que as escolas adotassem a iniciação esportiva como um dos eixos norteadores da Educação Física de 5^a a 8^a série. No entanto, a atenção dos professores esteve voltada à aptidão física e à descoberta de talentos que pudessem representar a pátria em competições internacionais.

Em função desse objetivo, a Educação Física adotou uma prática voltada à revelação de talentos para o esporte, com enfoque nas habilidades físicas. Em conseqüência disso, o que se viu, ao longo de muitos anos, foi um número considerável de alunos que, por não apresentarem o perfil esperado e muito menos as habilidades exigidas, muitas vezes foram excluídos de boa parte das atividades da aula.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na década de 80 constatou-se que essa forma de orientar a Educação Física não a levou a atingir

os objetivos esperados e não contribui para que o Brasil se tornasse uma nação olímpica, o que também fez multiplicar os debates em torno da disciplina.

Muitos autores reconhecem que, a partir dos anos 80, a Educação Física no Brasil passou a viver um momento fortemente marcado por uma crise de identidade.

Sobre esse período, Santin (1992) observa que: *“A educação física passava a ser profundamente questionada em seu papel educacional, em suas atuações sociais de apoio a regimes fortes e totalitários e, até, em seus fundamentos epistemológicos”*. (pág. 17)

Num ambiente de descontentamento com o regime e de abertura política, vivido pelo país, instalou-se um profundo debate sobre os reais objetivos da Educação Física. Segundo Castellani (1991): *“Recrudescia, também no âmbito da Educação Física, o interesse pelo debate a respeito do destino, do papel da Educação Física numa sociedade que, assim como ela, estava em crise”*. (pág. 194)

Nesse contexto muitas incertezas vieram à tona e muitas perguntas foram feitas, entre elas:

A disciplina é uma característica natural da Educação Física?

O professor precisa ter um perfil de disciplinador?

Meninos e meninas devem fazer aulas separados?

Revelar talentos para o esporte ainda é objetivo da Educação Física?

A forma como ensinamos esportes está correta?

É correto excluir alunos da aula por falta de habilidade?

É função do professor treinar a escola para marchar nas comemorações do Sete de Setembro?

O método militarista não serve mais?

Que método utilizar?

Todas essas questões aqueciam o debate em torno da Educação Física e sinalizavam que a necessidade de transformação era emergente, ao mesmo tempo que descortinavam novas perspectivas para a disciplina.

Segundo Moreira (1993):

Passamos de uma situação onde verdades absolutas eram transmitidas para, através da reflexão crítica, adentrarmos em um período de crise (entendida aqui como uma oportunidade de mudança). Nessa passagem muito foi dito e escrito, o que nos permite afirmar que a produção teórica dessas duas décadas suplanta, qualitativamente e quantitativamente, tudo o que já vinha sendo redigido na área da Educação Física e dos esportes. (pág. 9)

Conforme apontado por Moreira (1993), esse período de crise teve um caráter extremamente benéfico para a Educação Física, pois, a partir daí, a produção do conhecimento, bem como a multiplicação de congressos na área, criaram um campo fértil para o debate, dando suporte para que novas perspectivas e tendências pedagógicas surgissem.

Após o momento de turbulência vivido com mais intensidade na década de 80, muitos autores têm buscado delinear as abordagens pedagógicas em Educação Física, o que muito vem contribuindo para que se possa traçar um panorama mais nítido dessa disciplina.

Quando se consulta alguns autores que desenvolvem tais abordagens, encontram-se alguns pontos em comum. Bracht (1999), por exemplo, aponta as seguintes: a abordagem Desenvolvimentista, a Psicomotora, a Crítico-superadora e a Crítico-emancipatória, como as principais; já Darido (1998) destaca as

abordagens Desenvolvimentista, Construtivista-interacionista, Crítico-superadora e Sistêmica.

Nesta perspectiva, os PCNs de Educação Física, documento que foi elaborado pelo Mec em 1996, apontam quatro abordagens surgidas após esse momento de crise: a abordagem Psicomotora, a Construtivista, a Desenvolvimentista e a Crítica. Em seguida, apontaremos os principais aspectos de tais abordagens.

A abordagem Psicomotora ganhou força no Brasil na década de 80 e surge como forma de oposição ao modelo tecnicista anteriormente adotado. A corrente Psicomotora propõe um olhar, para a prática da Educação Física, que considere não apenas o aspecto motor do ser humano, mas também os aspectos cognitivos e afetivos, contribuindo assim para o desenvolvimento global do indivíduo.

Nesse sentido, a ação do professor deveria ter como foco o desenvolvimento das funções psicomotoras de base: o esquema corporal, a lateralidade e a dinâmica global, entre outras.

Na abordagem Construtivista o sujeito passa a ter um papel ativo na construção do conhecimento. Para os PCNs (1998), nessa abordagem *“Conhecer é sempre uma ação que implica esquemas de assimilação e acomodação num processo de constante reorganização”*. (p. 24)

Nesse processo, a Educação Física tem também como função respeitar o contexto e a cultura nos quais o sujeito está inserido, bem como incluir o conhecimento prévio dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

A abordagem Desenvolvimentista, por sua vez, tem como respaldo a Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, pretendendo, a partir desse referencial, oferecer às crianças oportunidades adequadas de movimento. Dessa forma, tal

abordagem tem foco no desenvolvimento harmônico, principalmente no que diz respeito à aprendizagem motora e ao desenvolvimento motor.

Nessa abordagem, para os PCNs (1998): “... o principal objetivo da Educação Física é oferecer experiências de movimento adequadas ao seu nível de crescimento e desenvolvimento, a fim de que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada”. (p. 25)

Com relação à abordagem Crítica, a intervenção da Educação Física na escola deve considerar seu caráter histórico e cultural, além da possibilidade de transformação social. Tal abordagem questiona a prática alienante da Educação Física e entende que, por meio dessa disciplina, também é possível uma revisão no nosso modelo de sociedade e a superação das injustiças sociais. Busca ainda identificar a Educação Física como disciplina que tem a cultura corporal de movimento como conteúdo, compreendendo o jogo, o esporte, a ginástica a dança e a capoeira.

CAPÍTULO - II

JOGOS COOPERATIVOS

1 - O JOGO

Considerando que este estudo busca investigar a concepção de professores de Educação Física sobre os Jogos Cooperativos, é importante reconhecer que, independente de se abordarem aspectos competitivos ou cooperativos do Jogo, lida-se, em princípio com um fenômeno humano. Dessa forma investigaremos primeiramente, o Jogo enquanto fenômeno humano, como um primeiro movimento de aproximação com os Jogos Cooperativos.

Desde muito tempo, o fenômeno do jogo vem sendo objeto de estudo de autores que se preocupam em traçar suas características, classificação e significado. Assim, autores como Huizinga, Piaget, Callois, Orlick, Carse, Paes e Brotto, entre outros, vêm investigando o jogo e suas relações nos mais variados contextos, entre eles, no educacional, no esportivo, no cultural e no desenvolvimento pessoal, por exemplo.

Dessa forma, temos recebido contribuições importantes de tais autores, como por exemplo, Huizinga, que publicou em 1938 o livro “Homo Ludens”, obra que, até os dias atuais, é uma importante referência sobre o assunto.

Em seu trabalho, Huizinga define Jogo da seguinte forma:

...jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma

consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.
(1993, p. 33).

Reconhecer o Jogo como um elemento da cultura, portanto um produto das relações sociais, é uma das principais contribuições do autor. Para ele, o Jogo está associado a muitas formas de manifestação humana, entre elas os rituais, a política, a guerra, e as artes.

Em 1958, vinte anos após a publicação de “Homo Ludens”, Caillois publica “Os Jogos e os Homens”, livro que traz muitas contribuições principalmente nas questões relacionadas à caracterização e classificação do Jogo. Para o autor, *“jogo é uma atividade: livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada e fictícia”.* (1990, p. 29).

Somado a esses aspectos, temos o importante estudo de Piaget sobre o papel do Jogo no desenvolvimento da inteligência, no qual o autor aponta o jogo de exercício, o jogo simbólico e o jogo de regras como categorias de jogos predominantes em diferentes momentos do nosso processo de desenvolvimento.

Posteriormente Piaget (1994) realizou um profundo estudo sobre o juízo moral da criança, no qual o Jogo teve um papel fundamental, como pano de fundo, no desenvolvimento de sua pesquisa.

Na visão de Paes (2001), a partir da perspectiva da Pedagogia do Esporte, o Jogo é visto como um importante componente do processo de ensino e aprendizagem. Segundo o autor, *“Reconhecemos no jogo, bem como nas brincadeiras, uma forma para o desenvolvimento do esporte. Para nós, este fenômeno cultural traz na sua essência alguns elementos que o tornam uma rica possibilidade de ensino”.* (p. 81)

Com relação aos estudos de Terry Orlick (1978), o autor desenvolveu uma profunda pesquisa sobre Jogos, especialmente os Cooperativos, na qual busca referências na Antropologia, na Sociologia e na Psicologia para reconhecer no Jogo um excelente veículo de transformação pessoal e grupal. Segundo Orlick, *“Os Jogos representam uma articulação-chave em qualquer sociedade. Para se orientar esta sociedade no sentido de uma mudança pacífica e humana, podemos começar pelos jogos”*. (1978, p. 105)

Em seus estudos, Orlick (1978) aponta ainda diferentes pesquisas, nas quais aborda a relação da competição e a cooperação entre crianças e adolescentes.

Para Carse (2003), os jogos, assim como a vida, podem ser jogados a partir de duas óticas: a dos Jogos Finitos e dos Jogos Infinitos.

Na primeira delas, o jogo está restrito aos limites de tempo e espaço, nos quais as ações dos jogadores são limitadas por regras que têm um caráter de rigidez.

Na segunda, o jogo ultrapassa as fronteiras do espaço e tempo, o que permite aos jogadores continuar jogando. As regras existem para que o jogo continue acontecendo e para que os jogadores permaneçam nele.

As contribuições de Brotto (2001) apontam para o Jogo como um veículo de desenvolvimento integral do ser humano, capaz de envolvê-lo em suas dimensões física, mental, emocional e espiritual. (p.13)

A perspectiva de Brotto (2001), aponta ainda para a visão do Jogo não apenas como uma atividade lúdica, mas como uma representação das nossas formas de viver, segundo o autor: *“como uma das expressões da consciência humana no dia-a-dia”*. (p. 14)

Como características essenciais, o Jogo oferece um convite à aventura, ao prazer, ao divertimento e a infinitas possibilidades e descobertas. No entanto, muitas vezes ele é entendido como uma atividade supérflua, talvez por não ser capaz de produzir bens materiais nem riquezas, numa sociedade em que a produção e o consumo parece uma regra clara do jogo econômico de um mundo globalizado.

Segundo Caillois (1990), uma das características do Jogo é não criar nenhuma riqueza, nenhum valor, nem mesmo nos Jogos de azar a dinheiro, nos quais não há produção de bens mas sim o deslocamento de propriedade. (p. 25). Mesmo nos grandes espetáculos esportivos os lucros ultrapassam as fronteiras do Jogo, não sendo gerados propriamente no seu interior.

O Jogo oferece ainda, como uma de suas características mais atraentes, o convite ao imprevisível. Nesse sentido, um clima de incerteza é comum a todo jogo, pois os acontecimentos, enquanto ele ocorre, bem como o resultado final, estão sempre envolvidos por uma atmosfera de imprevisibilidade.

Dessa forma, ele atrai pela tensão gerada por esse clima de incerteza, que desencadeia a energia necessária para continuar jogando.

Essa característica fundamental do jogo explicaria o comportamento das torcidas apaixonadas, ao vaiarem dois times de futebol que, satisfeitos com o empate no jogo, deixam de oferecer perigo um ao outro e passam a trocar passes esperando o término da partida; esse fato provoca o protesto dos torcedores, pois observam que algo essencial foi retirado do jogo: a tensão gerada pela incerteza.

Sobre essa questão, Callois (1990), observa que *“Um desfecho conhecido a priori, sem possibilidade de erro ou de surpresa, conduzido claramente a um resultado inelutável, é incompatível com a natureza do Jogo”*. (p. 27).

Observa-se que o Jogo está ainda presente, na vida de todos, muito mais do que se pode supor: estaria jogando a mãe que, diante do filho que se recusa a comer, tenta transformar a colher em aviãozinho? O casal, que no dia do primeiro encontro utiliza o melhor perfume, investe na troca de olhares, tons de voz, estariam jogando? Os especuladores da bolsa de valores estariam jogando na compra e venda de ações entre quedas e baixas?

Observamos que os seres humanos têm uma relação tão estreita com o Jogo, que sua expressão transcende as fronteiras das quadras, campos e tabuleiros, chegando a se manifestar diariamente no contexto de suas vidas.

Ainda outra questão importante é o fato de que o ser humano, ao jogar, possivelmente transportaria sua visão de mundo e seus valores para o contexto do jogo.

Terry Orlick (1978) inclui um aspecto importante para esta questão, quando observa que, além de levar seus valores e visão de mundo para o ambiente do Jogo, o indivíduo também pode transformá-los a partir dele. Na perspectiva do autor, *“Por que não usar o poder transformador dos jogos para ajudar a nos tornarmos o tipo de pessoa que realmente gostaríamos de ser?”* (p.107).

Apesar de reconhecer claramente uma crescente ampliação dos estudos sobre o jogo e conseqüentemente das percepções sobre suas possibilidades, ainda assim se observa que ele não é devidamente valorizado nos mais diferentes contextos em que ocorre a sua manifestação.

Considerando a escola como um contexto importante para a manifestação do jogo, observa-se que mesmo aí ele carece da valorização necessária, bem como de um cuidado pedagógico que muito enriqueceria sua prática.

Considerando que este estudo está situado no cenário escolar, algumas questões podem ajudar a elucidar seu propósito. Assim, seria válido perguntar: o tipo de Jogo que temos feito e proporcionado aos nossos alunos realmente é compatível com o tipo de sociedade em que gostaríamos de viver? Os Jogos contemplam os principais objetivos e desafios da educação hoje, como: inclusão, solidariedade, participação e cooperação, entre outros?

Segundo Orlick (1978), *“(…), é viável introduzir comportamentos e valores por meio de brincadeiras e jogos, que, com o tempo, poderão afetar a sociedade como um todo”*. (p. 121)

É com esta visão de Jogo que iniciamos a abordagem sobre Jogos Cooperativos, reconhecendo-o e valorizando-o como um fenômeno humano de múltiplas possibilidades e diretamente associado à vida, além de constituir um importante veículo de Educação.

2 - JOGOS COOPERATIVOS: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.

Nos últimos anos os Jogos Cooperativos vêm sendo utilizados como estratégia nos mais variados contextos, entre eles: o escolar, o organizacional, o esportivo e o comunitário. Essa opção por utilizar os Jogos Cooperativos em diferentes ambientes, possivelmente esteja associada à constatação, por parte da nossa sociedade, de que, nossas formas de vida coletiva necessitam ser re-equilibradas, e que os Jogos Cooperativos podem nos oferecer boas contribuições na busca desse equilíbrio. Tais jogos podem nos ajudar ainda na simples constatação de que nenhum de nós é mais competente ou capaz do que todos nós juntos, na busca da resolução dos principais problemas que nos afligem hoje.

Nesse sentido, procuraremos destacar as principais características dos Jogos Cooperativos, para que tenhamos uma melhor visão quanto às suas possibilidades.

Uma característica essencial desse tipo de jogo é o envolvimento do grupo em um **objetivo comum**. A partir deste envolvimento, todos os participantes passam a unir forças para que o objetivo seja alcançado.

Segundo Brotto (2001), nos Jogos Cooperativos: *“Joga-se para superar desafios e não para derrotar os outros; joga-se para gostar do jogo, pelo prazer de jogar. São jogos onde o esforço cooperativo é necessário para se atingir um objetivo comum e não para fins mutuamente exclusivos”*. (p. 54)

Os Jogos Cooperativos oferecem a oportunidade para que **sejamos nós mesmos**, pois, acolhidos por uma atmosfera de cumplicidade e liberdade, podemos lidar com nossas fraquezas, bem como com nossas potencialidades, com maior profundidade.

Nessa perspectiva, Brotto (2001) observa que:

Estivemos durante muito tempo, nos educando, treinando, nos preparando para não nos mostrarmos aberta e autenticamente ao outro, dissimulamos, não nos mostramos como somos intimamente sob o risco de revelar nossas “fraquezas” e então sermos atacados e derrotados pelos “terríveis adversários”... os outros seres humanos. (p. 39)

O que está destacadamente “em jogo nesse tipo de jogo” são os riscos que corremos juntos com o grupo, as interações harmoniosas com as pessoas e não a superação delas.

Os Jogos Cooperativos são um excelente **exercício de convivência**, porque podem nos ajudar a aprimorar nossas interações e nossa comunicação, bem como auxiliar-nos no estabelecimento de um ambiente baseado na confiança e no respeito.

Para Brown (1994), os Jogos Cooperativos podem interferir no estabelecimento de relações mais pacíficas e harmônicas. Para o autor, esta forma de jogar, *“Busca a criação e a contribuição de todos. Busca eliminar a agressão física contra os outros. Busca desenvolver atitudes de empatia, cooperação, estima e comunicação”*. (p. 25)

Jogar cooperativamente também é uma ótima oportunidade para a **socialização** dos nossos conhecimentos, habilidades e qualidades, para que juntos realizemos algo que sozinhos teríamos dificuldades em realizar.

Segundo Orlick (1978), *“O objetivo primordial dos Jogos Cooperativos é criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e a intenção cooperativa prazerosa”*. (p. 123)

Nessa perspectiva, jogar cooperativamente é uma grande oportunidade de ir ao encontro de si mesmo, ver e re-ver nossas ações no mundo, nossos valores e nossa forma de encarar a vida. Estar consigo mesmo, aqui e agora, é um enorme presente possível também por meio dos Jogos Cooperativos.

Jogar cooperativamente também é uma ótima oportunidade para nos encontrarmos verdadeiramente com os outros, pois quando constatamos que nesse tipo de jogo estamos todos no mesmo time ou que podemos nos livrar da sensação de que alguém pode nos tirar algo, costumamos “baixar a guarda” e ver as pessoas sob uma ótica mais amistosa e acolhedora.

Dessa forma a sensação de estarmos todos no mesmo barco costuma nos despertar sentimentos de cooperação, confiança, respeito, solidariedade, além de estimular nossas interações positivas.

Para Brotto (1997): “Quando conseguimos nos descontrair e ficar mais flexíveis nas nossas interações com os outros, liberamos todo o potencial criativo que há em cada um”. (p.67)

Este é mais um desafio dos Jogos Cooperativos: ir ao encontro das pessoas, estabelecer novas formas de relacionamento e aprender a enxergar o outro como parceiro e não mais como adversário.

Como os jogos também manifestam nossas intenções, Walquer (*apud* Brotto, 2001) busca, a partir da observação de crianças jogando, registrar as manifestações e intenções presentes nos Jogos Competitivos e Cooperativos.

JOGOS COMPETITIVOS	JOGOS COOPERATIVOS
São divertidos apenas para alguns.	São divertidos para todos.
Alguns jogadores têm o sentimento de derrota.	Todos os jogadores têm um sentimento de vitória.
Alguns jogadores são excluídos por sua falta de habilidade.	Todos se envolvem independente de sua habilidade.
Aprende-se a ser desconfiado, egoísta ou sentir melindrado com os outros.	Aprende-se a compartilhar e a confiar.
Divisão por categorias: meninos x meninas, criando barreiras entre as pessoas e justificando as diferenças como uma forma de exclusão.	Há mistura de grupos que brincam juntos criando alto nível de aceitação mútua.

Os perdedores ficam de fora do jogo e simplesmente se tornam observadores.	Os jogadores estão envolvidos nos jogos por um período maior, tendo mais tempo para desenvolver suas capacidades.
Os jogadores não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de “ruim” acontece aos outros.	Aprende-se a solidarizar com os sentimentos dos outros, desejando também o seu sucesso.
Os jogadores são desunidos.	Os jogadores aprendem a ter um senso de unidade.
Os jogadores perdem a confiança em si mesmo quando eles são rejeitados ou quando perdem.	Desenvolvem a auto-confiança porque todos são bem aceitos.
Pouca tolerância à derrota desenvolve em alguns jogadores um sentimento de desistência em face de dificuldades.	A habilidade de perseverar face às dificuldades é fortalecida.
Poucos se tornam bem sucedidos.	Todos encontram um caminho para crescer e desenvolver.

Fonte: Walquer, *apud* Brotto, p. 56.

Esse quadro vem sendo largamente utilizado nas abordagens sobre os Jogos Cooperativos, com o intuito de explicitar as características dos Jogos Cooperativos e Competitivos.

Consideramos importantes as considerações de Brotto (2001): *“Apesar da comparação apresentada, não há uma divisão rígida e linear entre essas duas formas de jogar. Na realidade, existe uma aproximação muito estreita entre jogar cooperativamente e jogar competitivamente”*. (p.55)

Entendemos ser pertinente a inclusão de um aspecto a essa discussão: o fato de que, no Jogo, estamos lidando com um contexto de incertezas. Dessa forma, não

temos garantias de que as características apontadas no quadro em questão possam realmente delimitar as manifestações presentes nas duas estruturas, cooperativa e competitiva.

Nesse sentido, como todo Jogo é um convite ao imprevisível, é importante estar atento ao fato de que não há garantias de que no Jogo Cooperativo haverá efetivamente Cooperação, como também não há garantias de que no Jogo Competitivo haverá efetivamente Competição.

No entanto, esta posição não significa dizer que a intervenção do professor pouco interferiria no andamento do jogo, pelo contrário, é exatamente sua intervenção que nele influencia diretamente, seja na importância que é atribuída à vitória, na forma como os conflitos são harmonizados, seja na estrutura em que se escolhe jogar.

Assim, entendemos que os Jogos Cooperativos criam um ambiente facilitador para que as manifestações de cooperação aconteçam. Da mesma forma, os Jogos Competitivos também podem criar um ambiente facilitador para que as manifestações de competição aconteçam.

Caso nossa intenção seja a criação de um ambiente facilitador das manifestações de cooperação, é importante reconhecer algumas categorias de Jogos Cooperativos.

3 - CATEGORIAS DOS JOGOS COOPERATIVOS

As categorias aqui apresentadas seguem um modelo proposto por Orlick (1978). Elas nos permitem vivenciar diferentes níveis de cooperação por meio dos Jogos Cooperativos, dependendo, em grande parte, da categoria em que se escolhe

jogar. Tais categorias podem ainda ser utilizadas a partir de uma combinação que envolva, por exemplo, duas delas.

a) JOGOS COOPERATIVOS SEM PERDEDORES

Nesta categoria de jogos os participantes formam uma única equipe em que todos compartilham do mesmo desafio, facilitando assim a identificação de um objetivo comum. Nesse sentido, o trabalho em equipe desenvolvido pelo grupo busca convergir para que todos alcancem o objetivo proposto; esse esforço conjunto é também um fator de estímulo para que o grupo aprimore suas habilidades de comunicação, persistência e resolução de conflitos, entre outras.

Nessa forma de jogar, todos iniciam o jogo juntos e permanecem juntos até o final, o que facilita um alto grau de cooperação, envolvimento e diversão.

b) JOGOS DE RESULTADO COLETIVO

Neste tipo de jogo os participantes estão agrupados em duas equipes, no entanto, como todos estão envolvidos em uma ação conjunta, para superar um desafio comum, tal ação se caracteriza como um trabalho coletivo, e não como oposição entre as duas equipes.

Nesta categoria de jogo, o agrupar de forças envolve as duas equipes que, ao compartilharem dos resultados, costumam repensar a postura, comumente adotada, quando se joga contra outra equipe.

Segundo Orlick (1978): *“Esses jogos tendem a derrubar as barreiras tradicionais entre duas equipes que jogam uma contra a outra”*. (p. 126)

c) JOGOS DE INVERSÃO

Nesta categoria, apesar de duas equipes disputarem entre si, os jogos oferecem uma estrutura que possibilita aos participantes “trocarem de time”, uma, algumas ou várias vezes durante o Jogo.

Essa troca constante de time permite mexer com padrões estabelecidos e idéias tradicionais, nas quais o adversário que joga no outro time é alguém de quem se deve “manter distância”.

Dessa forma, uma vez que as inversões são aceleradas, o placar deixa de ser o mais importante, pois, ao final do jogo, não importa muito quem ganhou ou perdeu.

Segundo Orlick (1978): *“O método de inversão parece diminuir a preocupação exagerada com o resultado, pois tanto o resultado numérico quanto os times não são definidos”*. (p. 128)

As inversões de jogadores e pontuação aprimoram ainda a noção de interdependência, bem como a percepção de que, na verdade, todos fazem parte de um mesmo time.

d) JOGOS SEMICOOPERATIVOS

Nesses jogos, as estruturas cooperativa e competitiva convivem ao mesmo tempo, o que possivelmente contribua para que o jogo se torne mais divertido. Um dos objetivos nessa categoria é equilibrar as oportunidades de real participação, de forma que todos sejam reconhecidos como pessoas importantes para os times e para o desenvolvimento do jogo.

Nessa categoria de jogos, mesmo havendo competição entre as equipes, o resultado passa a não ser tão importante, pois busca-se como meta aprimorar a interação e a cooperação entre os participantes, de forma que todos continuem jogando.

Os jogos semicooperativos são, possivelmente, a melhor indicação para o início do trabalho com grupos que têm pouco contato com os Jogos Cooperativos.

Sobre essa questão Brotto (2001), observa que:

Considerando a integração dos Jogos Cooperativos em ambientes e grupos com pouca ou nenhuma experiência anterior, é aconselhável iniciar pelos Jogos Semi-Cooperativos e gradativamente, caminhar na direção dos Jogos sem perdedores.
(p. 87)

Tais jogos facilitam ainda a percepção do ritmo do outro e o respeito às diferenças presentes no jogo.

Neste sentido aprender a cooperar na Educação Física Escolar por meio das diferentes categorias de Jogos Cooperativos parece uma proposta viável e necessária, mas que dependerá também de um processo de ensino-aprendizagem coerente com a dinâmica dos Jogos.

Segundo Brotto (2001), o processo de ensino e aprendizagem para os Jogos Cooperativos apóia-se na interdependência de três dimensões:

CONVIVÊNCIA ⇒ CONSCIÊNCIA ⇒ TRANSCENDÊNCIA

A **convivência**: Está relacionada à ação, à vivência, à percepção de si mesmo e ao contato com o outro por meio dos jogos.

A **consciência**: Está associada ao processo de reflexão sobre a vivência do jogo, à revisão de nossas posições e escolhas, bem como à mudança de comportamento.

A **transcendência**: Busca a transformação, a mudança de atitude e a integração dos processos vividos à nossa vida diária. (p.63)

Inspirados por esse processo pode-se reconhecer na Educação Física Escolar um espaço repleto de possibilidades para descobertas pessoais, especialmente por meio dos jogos, dança e esporte, que costumam oferecer ótimos momentos de reflexão sobre nossas ações, além de um contexto propício ao processo de transformação.

4 – COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO: UM OLHAR MAIS ATENTO

Temos escolhido jogar competitivamente ao longo de muito tempo e essa opção é claramente percebida nas diferentes formas de relações sociais, nas quais, mesmo quando não é necessário, costumamos colocar nosso foco no ganhar ou perder.

Como exemplo desse condicionamento, podemos citar o que ocorre nas escolas, nas quais a competição é utilizada, por exemplo, como forma de motivar a participação dos alunos em atividades promovidas durante o ano, nas chamadas atividades integrativas ou socializadoras. Nessas oportunidades, quase sem questionar a possibilidade de utilização de outras estratégias, a escolha acaba sendo pelo modelo competitivo.

No entanto, temos visto que muitas vezes essa opção acaba gerando muitos conflitos e desarmonia, intra e entre grupos, criando uma situação contrária ao desejado. Esse comportamento pode ser compreendido por se tratar de um condicionamento adquirido ao longo de nossas vidas: somos educados pela família, escola e sociedade em um modelo que nos faz optar pela competição sem questionamento.

Nessa perspectiva, Orlick (1978), observa que: *“Em nossa própria cultura somos sitiados pela competição. Recompensamos os vencedores e rejeitamos os perdedores”*. (p. 19)

Esta postura é facilmente reconhecida, por exemplo, na pergunta da diretora ao encontrar o time que retorna à escola após um jogo: “E então, ganharam ou perderam?”. Assim também no pai que, ao receber o filho em casa, após uma competição no clube, pergunta: “E aí filho, ganhou ou perdeu?”

Segundo Margaret Mead, *“É a estrutura social que determina se os membros de uma determinada sociedade irão competir ou cooperar entre si”*. (apud Orlick, p.48).

Se comportamentos cooperativos ou competitivos são adquiridos por meio da estrutura social, podemos considerar que a família e a escola, por exemplo, tem um papel determinante nesse processo. Dessa forma, ao modificar o comportamento no jogo, principalmente nos Jogos que oferecemos nas aulas de Educação Física, estaremos criando possibilidades para transformar atitudes em nossas vidas, além do Jogo. Para Orlick (1978), *“... o mesmo poder que têm os jogos de impedir que as pessoas sejam honestas e amorosas pode ser invertido para estimular esses comportamentos”*. (p.107)

Na nossa perspectiva, a mudança de comportamento no Jogo passa, também, por uma revisão na forma como o encaramos na escola, bem como nas nossas expectativas quanto a ele.

Reconhecemos que os Jogos nos oferecem várias experiências interessantes que independem do resultado final. Dessa forma, quando valorizamos apenas a vitória como produto final do Jogo, esquecemos a importância e as múltiplas possibilidades presentes no processo do Jogo.

Entretanto, mesmo jogando competitivamente, podemos ampliar nossa visão do Jogo, segundo Orlick (2002): *“Existem numerosas oportunidades dentro dos jogos competitivos para educar por valores”*. (p. 07)

Certamente existem inúmeras possibilidades presentes no Jogo e que vão muito além do simples ganhar ou perder. Por exemplo: na aplicação perfeita de um sistema de defesa que o professor ficou meses trabalhando com os alunos; nas superações individuais, como ter maior controle emocional em situações conflitantes; na melhor comunicação do time; ou ainda, no melhor entrosamento da equipe; apesar de, mesmo com todas estas vitórias reais, o time não ter conseguido superar o adversário no placar numérico.

Deixaria o time de ser vitorioso por isso?

Para Brown (1994), *“Aceitar a meta de ganhar como primordial faz com que a criança acredite que se possa trapacear, abusar e tudo o que é preciso para alcançar esse objetivo”*. (p.13)

Poderíamos, ainda, considerar e valorizar a possibilidade de aprender com o outro, mesmo que esteja no time contrário. Durante o jogo existe uma constante organização e reorganização dos nossos gestos, permitindo uma interação direta

com o outro. O jogador, então, quando prepara um drible ou uma ação qualquer, passa a estabelecer um diálogo estreito com seus adversários porque, a partir daí, as ações dele interferirão diretamente nas ações dos outros e vice-versa.

Seus esquemas motores e os dos demais passarão a existir e a se organizar em função de uma mesma situação, criando uma relação direta entre ambos, na qual o codificar gestos e o decodificar novas ações acontecem o tempo todo.

Então, o suposto adversário que joga no outro time é apenas uma pessoa que vai permitir a descoberta de suas nossas habilidades, permitindo também que encontremos novas formas de aprimorá-las.

Sendo assim, poderíamos também chamar as pessoas do outro time de parceiros, desmistificando a idéia de adversário-inimigo, e aproximando-nos do que Brown (1994) considera jogar *“com o outro e não contra o outro”*. (p. 25)

Mas o que é mesmo Competição e Cooperação?

Para ter melhor clareza sobre a Cooperação e a Competição enquanto manifestações humanas, optamos por apontar algumas definições de ambas, com a finalidade de ampliar nossa visão sobre o jogar competitivamente ou cooperativamente.

Quanto à **competição**, começamos citando a antropóloga Margaret Mead, quando observa que a competição é *“o ato de procurar ganhar o que outra pessoa está se esforçando para obter, ao mesmo tempo”*. (apud Orlick, 1978, p.81).

Tani (1988), por sua vez, observa que, *“Quando uma pessoa ou grupo tem como objetivo um melhor resultado em relação a outra pessoa ou grupo, é gerada a oposição. Esta poderá resultar em competição ou conflito”*. (p. 129)

Na perspectiva de Brotto (2001), competição “*é um processo onde os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são individualistas e somente alguns se beneficiam dos resultados*”. (p.27)

Entendemos, assim, que a competição ocorre quando duas ou mais pessoas desenvolvem ações independentes para atingir o mesmo objetivo que, para as pessoas envolvidas na competição, só pode ser alcançado e desfrutado por uma das partes, ou seja, a vencedora.

Em relação à **cooperação**, citamos Ulrich (1977), quando afirma que, “*quando as pessoas ou grupos combinam suas atividades, ou trabalham juntos para conseguir um objetivo comum, de tal maneira que o maior êxito de alguma das partes concorra para um maior êxito dos demais, temos o processo social de cooperação*”. (apud Tani, 1988, p.132)

Para Orlick (1978), na interdependência cooperativa “*uma pessoa pode alcançar seu objetivo, se, e somente se, as outras com as quais ela estiver ligada conseguirem atingir seus objetivos*”. (p. 81)

Segundo Brotto (2001), cooperação “*é um processo onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos*”. (p.27)

Na nossa perspectiva, a cooperação acontece quando duas ou mais pessoas desenvolvem ações interdependentes, mesmo que em tempo e espaço diferentes, para que um objetivo comum seja alcançado e compartilhado.

Como exemplo da manifestação da cooperação em tempo e espaço diferentes, podemos citar uma cooperativa agrícola, na qual seus integrantes desenvolvem

ações como: plantar, colher, transportar e vender, que podem ser realizadas por diferentes pessoas em diferentes momentos e lugares, porém todos colaboram para atingir um mesmo objetivo, que é benéfico para todos.

Entendemos que a cooperação é uma manifestação que pode ainda oscilar entre a simplicidade e a complexidade, dependendo, em grande parte, do grau de aproximação entre as pessoas que cooperam.

Na nossa visão, o ato de cooperar, trabalhar em equipe para realizar algo, é uma tarefa que, em princípio, denota extrema simplicidade, por exemplo: transportar juntos um objeto que ambos necessitam transportar, mas que, sozinhos, não conseguiriam; ou arrumar uma sala, que todos querem ver arrumada, com maior rapidez.

No entanto, cooperação pode também ser algo complexo, quando o ato de cooperar envolve maior comprometimento e maior exposição das pessoas que cooperam. Dessa forma, quando a ação conjunta envolve o equilíbrio das reais expectativas, interesses e sentimentos individuais das pessoas que cooperam, o grau de complexidade para integrar as ações do grupo aumenta automaticamente.

5. ALGUMAS APROXIMAÇÕES

A partir desse cenário, procuraremos destacar algumas contribuições dos Jogos Cooperativos para que a Educação Física Escolar atenda aos objetivos Educacionais hoje.

O campo de reflexão sobre essas contribuições irá em busca de aproximações com a **Cidadania**, a **Solidariedade** e o **Conhecimento**. Questões que, na nossa visão, necessitam ser consideradas e priorizadas na ação docente.

Jogos Cooperativos e Cidadania

A escola é reconhecidamente um instrumento facilitador do exercício da cidadania e, mesmo constatando que em muitos momentos ela não cumpre esse papel, vale lembrar que essa não é uma tarefa apenas da escola e sim de todas as instituições sociais.

Segundo o professor Carlos Rodrigues Brandão: *“... tudo o que se há de aprender de essencial está muito mais na intervivência de prática cidadã, desde a sala-de-aula até todos os âmbitos da Educação e todas as dimensões em que a Educação se desdobra”*.¹

É na perspectiva da “intervivência da prática cidadã” que consideramos os Jogos Cooperativos como veículo facilitador de uma dinâmica capaz de permitir aos participantes o acesso à participação efetiva e o desenvolvimento da consciência social, em que o desafio comum, que é uma característica importante dos Jogos Cooperativos, aparece como pano de fundo na articulação coletiva.

Nesse sentido, acreditamos que os Jogos Cooperativos podem nos trazer um aprendizado fundamental para os dias atuais, que é aprender a fazer juntos, o qual entendemos corresponder ao que Delors (2003) chamou de “aprender a viver juntos”.

Reconhecemos que esse é um aprendizado importante para toda a sociedade, pois as resoluções de nossos principais problemas pedem, cada vez mais, ações conjuntas, o que justifica a urgência da habilidade de fazer com o outro.

¹ Apostila utilizada no curso de Pós-Graduação em Jogos Cooperativos (Projeto Cooperação/Unimonte – Santos-SP).

Nessa perspectiva, reconhecemos a possibilidade dessa aprendizagem por meio dos Jogos Cooperativos, nos quais a experiência de articular ações grupais, buscar o consenso, reconhecer possibilidades e limites, assumir responsabilidades, são ingredientes do fazer junto, bem como do mais puro exercício de construção coletiva. Esse aprendizado por meio dos Jogos Cooperativos, quando traduzido para o dia-a-dia dos alunos, pode se tornar o embrião, a matriz de futuras participações no espaço público, seja na comunidade, na cidade ou no país, em que a autonomia e a responsabilidade constituem o impulso essencial para a cidadania plena.

Jogos Cooperativos e Solidariedade

Durante um bom tempo a prática da Educação Física esteve (e em muitos casos ainda está) preocupada apenas com a busca de resultados, fazendo que meninos e meninas rendessem mais, correndo, jogando, saltando e arremessando. Essa visão apoiou um tipo de prática na qual o ganhar ou perder são respectivamente o produto final de uma série de ações.

Segundo Santin (1993), nessa perspectiva *“O que vale é a vitória. O jogador não sente mais alegria e prazer pelo fato de jogar, mas só quando alcança a vitória. O jogo deixa de ser o conjunto das atividades, para se tornar apenas o resultado final. Jogar não é jogar, mas vencer”*. (p. 90)

Observamos que, ao colocar o foco da nossa participação no jogo no resultado final, desconsideramos uma série de experiências positivas que podem ser vividas independentemente do seu resultado. Dentre essas experiências estão as

proporcionadas pelas manifestações de solidariedade que complementam o sentimento de pertencimento.

No livro “Competência e Sensibilidade Solidária” (2000), Hugo Assman e Jung mo Sung fazem uma interessante investigação sobre a solidariedade, apontando uma variedade de significados para a palavra. Segundo os autores “lidamos com um discurso que flutua por diversos campos do sentido”. (p. 35)

Dentro dessa diversidade de interpretações possíveis, queremos partir de uma referência comum que aproxime a solidariedade e os Jogos Cooperativos e vemos essa referência no Corpo, entendido na sua integração com o afetivo e o cognitivo. Especialmente porque na Educação Física, a intenção é corporalmente experienciada e materializada, a percepção do outro é facilitada pela prática dos esportes, dos jogos, das brincadeiras, das danças e da ginástica. Ser ou não ser solidário aqui é uma ação vivida, também, corporalmente.

Dessa forma o sentido de solidariedade no contexto das práticas corporais, que são instrumento da Educação Física, passam a ter um significado maior, ficando expresso no gesto de quem joga, ampliando o sentimento de interdependência e respeito mútuo que garanta o bem-estar de todos os envolvidos.

Nesse sentido, a solidariedade expressa corporalmente no Jogo tende a se manifestar em outras relações fora dele, no ambiente escolar como um todo, no familiar e no comunitário.

Jogos Cooperativos e Conhecimento

Uma das principais funções da escola é facilitar o acesso ao conhecimento que é histórica e socialmente produzido. Dessa forma, as Línguas, a Matemática, a

Física e as Artes, entre outras, permitem aos alunos a apropriação do mundo por meio do conhecimento até ali produzido.

No entanto a escola não estará cumprindo seu papel ao tratar do conhecimento apenas como algo que necessita ser informado, como um produto pronto e acabado. O conhecimento tem também a função de dar subsídio ao ser humano para transformar sua realidade e construir o que há de vir.

Segundo Cortella (1998):

*... o bem de produção imprescindível para nossa existência é o **Conhecimento**, dado que ele, por se constituir em entendimento, averiguação e interpretação sobre a realidade, é o que nos guia como ferramenta central para nela intervir; ao seu lado se coloca a **Educação** (em suas múltiplas formas), que é o veículo que o transporta para ser produzido e reproduzido. (p. 45)*

Assim como na visão de Cortella, na qual o conhecimento é visto como ferramenta de intervenção na realidade, entendemos que a prática dos Jogos Cooperativos, como conteúdo da Educação Física Escolar, seja capaz de promover tal intervenção.

CAPÍTULO - III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como procedimento de coleta de dados para a investigação da problemática desta pesquisa, optamos pelos seguintes instrumentos:

- a) Aplicação de um questionário como forma de caracterização dos sujeitos, contendo questões estruturadas e respondidas por escrito. Tais questões têm por objetivo investigar os aspectos pessoal, acadêmico-profissional e socioeconômico.
- b) Entrevista com questões abertas e divididas em duas etapas, a primeira trazendo questões de ordem profissional e a segunda, com questões diretamente ligadas ao nosso problema de pesquisa. Nesta etapa os sujeitos poderiam optar por responder por escrito ou por gravar suas respostas. Na primeira opção, entendemos que ela permite aos sujeitos menos exposição que na segunda, mas a segunda facilita ao pesquisador maior diálogo com os sujeitos durante as entrevistas. Vale lembrar que a entrevista gravada foi a opção de todos os sujeitos, tanto na fase do pré-teste quanto nas oito entrevistas finais.

Com o intuito de testar nosso instrumento de coleta dos dados, num primeiro momento, aplicamos um pré-teste com dois professores de Educação Física, um de uma escola pública e outro de uma escola particular, escolhidos de forma aleatória. As entrevistas foram realizadas na segunda quinzena do mês de outubro

de 2004, nas escolas em que os sujeitos lecionam, procurando realizá-las em local que fosse o mais silencioso possível, no final do período de aulas ou no intervalo entre elas. A aplicação do questionário teve duração de cinco minutos em média e antecedeu a entrevista com os sujeitos, que teve a duração de aproximadamente 20 minutos.

O roteiro das questões elaboradas para a entrevista foi o seguinte:

Questão 01 - Na sua opinião qual a importância da Educação Física Escolar?

Questão 02 - Suponha que durante o desenvolvimento de um jogo, por exemplo, de handebol, apenas alguns alunos recebem a bola e realizam as jogadas. Num determinado momento os alunos que não estão recebendo a bola, sentindo-se incomodados com isso, fazem uma reclamação para você.

De que forma você interviria na situação? Por quê?

Questão 03 - O que você entende por Jogos Cooperativos?

Questão 04 - Na sua opinião quais são as diferenças básicas entre os Jogos Competitivos e Jogos Cooperativos?

Questão 05 - Em que situação você não aplicaria os Jogos Cooperativos?

Por quê?

Questão 06 - Na sua opinião quais as vantagens e desvantagens de aplicar os Jogos Cooperativos?

A aplicação desse pré-teste foi essencial para verificar se as questões elaboradas para a entrevista atendiam aos objetivos da pesquisa. Dessa forma, diante dos resultados obtidos neste pré-teste, optamos por fazer as seguintes alterações:

Primeiro - A inclusão de duas novas questões ao roteiro da entrevista:

a) O que é competição para você?

Você poderia dar um exemplo prático?

b) O que é cooperação para você?

Você poderia dar um exemplo prático?

Nossa decisão foi baseada na percepção de que necessitaríamos investigar qual a concepção que os sujeitos entrevistados têm sobre cooperação e competição. Uma vez explicitadas essas concepções e em função da pertinência de ambas, verificar se contribuiriam significativamente para o principal objetivo desta pesquisa, que consiste em investigar qual a concepção dos professores de Educação Física Escolar sobre os jogos cooperativos.

Segundo - O desmembramento da questão número seis em duas outras:

a) Na sua opinião quais são as vantagens de aplicar os Jogos Cooperativos?

b) Na sua opinião quais são as desvantagens de aplicar os Jogos Cooperativos?

Entendemos que tal desmembramento facilitou maior profundidade na reflexão sobre cada situação em particular, sua vantagem e desvantagem, pois ambas as situações, quando solicitadas em uma única questão, levariam o sujeito a se deter em apenas uma das situações ou, talvez, mais em uma delas e, conseqüentemente, menos na outra, deixando de externar realmente sua percepção sobre qualquer uma das situações propostas.

Terceiro - A aplicação do pré-teste contribuiu ainda para a tomada de uma decisão que nortearia posteriormente a escolha dos oito entrevistados nesta pesquisa: os sujeitos não poderiam conhecer a vida profissional do pesquisador.

Essa necessidade ficou evidente porque um dos sujeitos escolhidos nesta fase teve contato anterior com o pesquisador, conhecendo parte de seu trabalho, bem como sua concepção de Educação Física, fato que interferiu, segundo nosso entendimento, nas respostas fornecidas pelo sujeito. Nesse sentido percebemos que as respostas foram cobertas por um certo cuidado em não gerar oposição às concepções do pesquisador.

Nos quatorze anos de vida profissional como professor do Ensino Fundamental nas cidades de Santos e Guarujá, tivemos também a oportunidade de lecionar em cursos de formação de professores, tanto no nível de segundo grau, durante três anos no curso de magistério, quanto no nível superior, durante oito anos, em curso de graduação em Educação Física. Nesse período ainda ministramos cursos em Semanas de Educação nas cidades da região, como: Praia Grande, São Vicente, Santos, Guarujá e Bertioga.

Dessa forma entendemos que a nossa concepção de Educação Física, bem como do tema Jogos Cooperativos, foram explicitadas por meio de nossa atuação profissional na região.

A partir desse fato decidimos estabelecer como critério de escolha dos sujeitos, para preservar a fidedignidade das respostas, que eles não poderiam conhecer a vida profissional do pesquisador.

Tal critério nos trouxe algumas dificuldades. Em três oportunidades em que as entrevistas foram marcadas por telefone, tiveram que ser canceladas, pois no

momento em que nos encontramos com os entrevistados, deparamos com ex-alunos do curso de graduação em Educação Física ou ainda com profissionais que já haviam participado de outros cursos ministrados por nós.

Após a reestruturação da entrevista e a decisão pela escolha não mais aleatória dos sujeitos, iniciamos o processo de escolha dos entrevistados.

Na escolha dos oito sujeitos, procuramos ainda contemplar o cenário das escolas públicas e particulares, de forma que quatro dos sujeitos lecionam em escolas públicas e quatro em escolas particulares.

Ao optar pelo critério de escolha de docentes do ensino público e privado na nossa pesquisa, buscamos incluir em nossa discussão aspectos que estão presentes nos dois cenários e que, muitas vezes, apresentam diferenças, tais como: a oportunidade de capacitação e apoio aos docentes, bem como melhor espaço físico para o desenvolvimento das atividades físicas e material didático.

No entanto é importante pontuarmos que nossa intenção não foi apontar uma polarização entre ensino público e privado ou de apontar boa ou má qualidade do ensino, uma vez que, na nossa percepção, tanto o sucesso quanto o fracasso na prática pedagógica são encontrados em ambos os casos.

Outra condição que procuramos contemplar com nossa escolha é que os sujeitos lecionassem no Ensino Fundamental, período em que a aplicação dos jogos cooperativos costuma suscitar questões importantes, como competição x cooperação, participação, inclusão, dentre outros. Dessa forma, a prática da Educação Física nesse nível de ensino nos traria informações pertinentes ao problema desta pesquisa.

Os primeiros contatos foram realizados com a Direção das escolas escolhidas, por telefone, momento em que explicávamos os objetivos da pesquisa e solicitávamos permissão para que pudéssemos fazer contato com um dos professores de Educação Física, para posteriormente agendar uma entrevista.

Nesse momento tivemos algumas dificuldades que entendemos ser importante registrar: muitos dos dirigentes, coordenadores pedagógicos e até mesmo secretários das escolas consultadas nos deram respostas negativas, sem mesmo consultar o profissional em questão, demonstrando estranheza frente a nossa solicitação e colocando uma série de empecilhos para que a entrevista fosse realizada. Dentre tais empecilhos, foram citados: a falta de tempo do professor; a necessidade de apresentação de uma autorização de órgãos superiores para que a entrevista pudesse ser realizada; a exposição de alunos da escola e, em boa parte dos casos, nossa solicitação não obteve nenhum tipo de resposta.

Buscando compreender os motivos de tais comportamentos chegamos a alguns fatos que podem elucidar essa questão. A Baixada Santista, como é conhecido o entorno da Cidade de Santos, região do litoral sul do Estado de São Paulo, até o momento desta pesquisa, não possuía nenhum curso de mestrado na área de Educação reconhecido pela CAPES, órgão responsável por tal credenciamento de cursos nesse nível. Consta que na região há apenas duas instituições que, nos últimos seis anos, oferecem tais cursos, porém sem o devido credenciamento. Esses fatos nos levaram a reconhecer que as pesquisas em Educação ainda não foram incorporadas à rotina das universidades locais, gerando, desse modo, a nosso ver, carência de pesquisas nas instituições escolares, o que explicaria a estranheza de algumas escolas com relação às nossas solicitações.

Após constatar algumas dificuldades no agendamento das entrevistas por telefone, adotamos, a partir do quarto sujeito, a estratégia de visitar as escolas e conversar pessoalmente com a Direção. Percebemos que essa ação deu maior agilidade a essa etapa do trabalho, que foi realizado no mês de novembro e na segunda quinzena de dezembro de 2004.

Como produto final, o formato da entrevista contemplou as seguintes questões, com os seguintes objetivos:

- 1) Na sua opinião qual a importância da Educação Física Escolar?
- 2) O que é competição para você?
Você poderia dar um exemplo prático?
- 3) O que é cooperação para você?
Você poderia dar um exemplo prático?
- 4) Suponha que durante o desenvolvimento de um jogo, por exemplo, de handebol, apenas alguns alunos recebem a bola e realizam as jogadas. Num determinado momento os alunos que não estão recebendo a bola, sentindo-se incomodados com isso, fazem uma reclamação para você.
De que forma você interviria na situação? Por quê?
- 5) O que você entende por Jogos Cooperativos?
- 6) Na sua opinião quais são as diferenças básicas entre Jogos Competitivos e Jogos Cooperativos?
- 7) Em que situação você não aplicaria os Jogos Cooperativos? Por quê?
- 8) Na sua opinião quais são as vantagens de aplicar os Jogos Cooperativos?

9) Na sua opinião quais são as desvantagens de aplicar os Jogos Cooperativos?

Na primeira questão, ao tratar da importância da Educação Física, buscamos compreender a visão geral que os sujeitos têm dessa disciplina, bem como quais aspectos legitimam sua prática no âmbito escolar.

As segunda e terceira questões foram incluídas após a realização do pré-teste; nelas buscamos compreender quais concepções os sujeitos têm da cooperação e da competição.

A quarta questão busca entender como o sujeito interviria numa situação conflitante muito comum nas aulas de Educação Física, e se essa intervenção incluiria algum aspecto do Jogo Cooperativo.

Nossa intenção, na quinta e sexta questões, é compreender como os sujeitos assimilaram os jogos cooperativos, qual o nível de percepção que têm desse tipo de jogo, e como vêem suas diferenças básicas com relação aos jogos competitivos.

Na sétima questão buscamos investigar as situações em que os sujeitos não aplicariam os jogos cooperativos. Nesse item, assim como na nona questão, que fala das desvantagens de sua aplicação, procuramos fazer um contraponto, levando os entrevistados a refletir sobre uma situação contrária ao que os discursos normalmente trazem, que são as situações facilitadoras na aplicação dos jogos, e as vantagens de sua aplicação. Entendemos que ao falar das situações em que não aplicariam tais jogos e no relato de quais as suas desvantagens, pode-se também investigar se de fato os sujeitos, ao dizer que

conhecem os jogos cooperativos e o utilizam, o conhecem de fato ou estão apenas falando de algo que supõem sobre tais jogos.

A oitava questão procura investigar os aspectos positivos da aplicação dos Jogos Cooperativos, ou seja, quais as vantagens detectadas na sua prática, e se os sujeitos entrevistados costumam utilizar esse tipo de jogo como estratégia em suas aulas, para que uma vantagem fosse realmente detectada.

Ao iniciar as entrevistas com os primeiros sujeitos, constatamos que o tempo de sua duração havia aumentado; se no pré-teste tivemos em média um tempo de vinte minutos, passamos agora para uma média de quarenta minutos por entrevista, em função das alterações citadas anteriormente. O tempo de duração para a resposta do questionário permaneceu o mesmo, cinco minutos em média.

Com relação às entrevistas como instrumento de coleta de dados, é importante considerar que esta técnica tem como característica a maior proximidade do pesquisador com os sujeitos da pesquisa. Essa proximidade facilitou nossas observações quanto à linguagem não-verbal dos sujeitos, ou seja, suas reações no transcorrer da entrevista.

Dessa forma, ao estabelecer maior proximidade com os sujeitos procuramos criar um ambiente de tranquilidade e liberdade e assumir uma postura que pudesse contribuir para que o discurso dos entrevistados tivesse maior fluidez.

Para Chizzotti (2001), a entrevista requer alguns cuidados especiais por parte do entrevistador. Para o autor,

A atitude disponível à comunicação, a confiança manifesta nas formas e escolhas de um diálogo descontraído devem deixar o informante inteiramente livre para exprimir-se, sem receios, falar sem

constrangimentos sobre os seus atos e atitudes, interpretando-os no contexto em que ocorreram.
(p. 93)

Com relação a nossas observações quanto às reações dos sujeitos durante as entrevistas, dois aspectos observados merecem ser pontuados:

a) Muitos professores demonstraram certa ansiedade e desconforto, gerados, a nosso ver, pela própria situação de exposição e também pelo fato de as entrevistas estarem sendo gravadas. A opção pela gravação foi, como já relatamos, uma escolha de todos os sujeitos entrevistados.

Observamos ainda que, em todos os casos, à medida que as entrevistas transcorriam, diminuía a ansiedade dos sujeitos, ficando eles mais tranquilos e descontraídos.

b) Outro aspecto importante, e que necessita ser registrado, é o fato da preocupação de alguns sujeitos com respostas que estivessem corretas, por atribuírem à entrevista um caráter de avaliação, em que se considerasse se estavam respondendo certo ou errado.

A fala de um dos sujeitos exemplifica bem essa observação:

(Entrevistador, ao final da entrevista) - Alguma coisa mais que você queira pontuar?

(Sujeito)- Não, a não ser que você tenha mais alguma coisa para perguntar. Alguma coisa que eu não respondi direito e que você queira voltar.

Ainda com relação aos procedimentos adotados nas entrevistas, seguimos as mesmas estratégias utilizadas no pré-teste, ou seja, foram realizadas nos intervalos das aulas ou no final da jornada de trabalho dos professores.

Procuramos priorizar a tranquilidade dos entrevistados, com relação ao tempo destinado às entrevistas. Dessa forma, evitamos agendá-las nos momentos em que o tempo disponível não fosse suficiente, para não gerar situações de ansiedade, tais como responder rapidamente às questões propostas ou interromper as entrevistas para futura continuidade.

No entanto, apesar de estarmos atentos a essa questão, uma das entrevistas transcorreu num clima de preocupação com o tempo, pois o professor tinha um compromisso em outra escola.

Conforme as entrevistas foram sendo realizadas, procuramos iniciar sua transcrição. Essa tarefa nos causou uma certa preocupação com relação ao tempo destinado à sua realização; no nosso caso esse tempo foi de aproximadamente seis horas por entrevista, o que poderia comprometer os prazos com relação à pesquisa como um todo.

Posteriormente à transcrição das entrevistas, iniciamos o processo de pré-análise dos dados coletados, momento em que realizamos a leitura flutuante do conjunto das entrevistas, explorando, por meio desse contato, as primeiras impressões do material coletado.

Segundo Franco (2003), a leitura flutuante é uma atividade característica da pré-análise. Para a autora,

A primeira atividade da Pré-Análise consiste em estabelecer contatos com os documentos a serem analisados e conhecer os textos e as mensagens neles contidas, deixando-se invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas. (p. 44)

Após esse primeiro contato com o material, elaboramos um quadro de análise, agrupando o conteúdo levantado nas entrevistas. O quadro foi elaborado em duas folhas de *flip chart*, contendo, por meio de recorte e colagem, as principais falas de todos os sujeitos em todas as questões.

A elaboração do quadro de análise foi uma estratégia que muito contribuiu para que tivéssemos um panorama sintetizado do discurso dos sujeitos.

Outro aspecto importante na formação de tal quadro foi as constantes leituras e releituras das entrevistas para posteriormente selecionar e recortar os trechos de maior importância para o objetivo da pesquisa. Esse manuseio do material coletado nos trouxe uma familiaridade com o conteúdo das entrevistas, contribuindo, sobremaneira, para a etapa seguinte do trabalho: a formação das categorias e sua posterior análise.

CAPÍTULO – IV

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

1 - CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.

Nosso encontro com os sujeitos da pesquisa foi marcado por duas etapas:

Na primeira delas os sujeitos preencheram um questionário que buscou coletar informações, em sua maioria, de ordem sócio-econômica.

Na segunda etapa, entrevistamos os sujeitos com questões que versavam principalmente sobre aspectos acadêmicos e profissionais, bem como os relacionados diretamente ao problema da pesquisa.

O conjunto de dados referente aos aspectos sócio-econômicos, acadêmicos e profissionais, nos permitiu fazer a caracterizar dos sujeitos da pesquisa que é descrita a seguir.

Dos sujeitos participantes desta pesquisa, 50% são do sexo feminino e 50% do sexo masculino, sendo que 75% deles estão igualmente divididos entre a faixa etária de 26 a 30 anos e de 31 a 40 anos.

Com relação ao estado civil, 75% dos sujeitos são casados, 62,5% deles tem filhos e na maioria dos casos residem na cidade de Santos.

Quanto aos aspectos referentes à escolaridade dos pais, 50% em média, possuem o Ensino Fundamental incompleto e em apenas um dos casos a

escolaridade é o Ensino Superior completo. Com relação aos cônjuges a maioria possui o nível superior completo.

No quesito referente à profissão dos pais, a grande concentração é de aposentados. Com relação à profissão dos cônjuges, temos, dois professores, um eletricista, uma aposentada e um gerente de vendas.

Com referencia a formação escolar dos sujeitos, até o ensino médio, todos dizem ter estudado em escola pública, já quanto ao ensino superior e pós-graduação, esse quadro inverte, pois todos os sujeitos desenvolveram essa etapa de seus estudos no ensino particular.

O grupo de sujeitos, em 62,50% dos casos, possui renda familiar líquida entre 07 e 13 salários mínimos, sendo que em somente um dos casos ela é superior a 17 salários mínimos. Em 75% das situações outra pessoa contribui com a renda familiar e na maioria das vezes três pessoas vivem de tal renda.

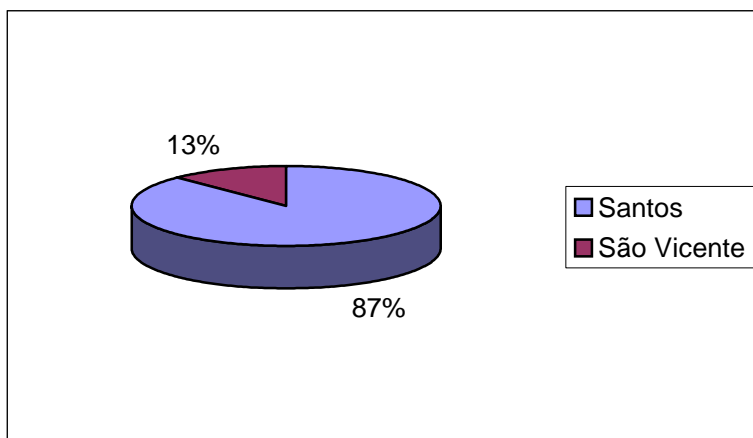
Quanto à formação acadêmica, 37,50% dos sujeitos possuem especialização, e os cursos que apresentam maior frequência são da área de Treinamento Desportivo.

No intuito de tornar mais visível, a seguir apresentaremos, em forma de gráfico, as questões da entrevista.

Das escolas em que os sujeitos lecionam, 87% estão localizadas na cidade de Santos e 13% na cidade de São Vicente, conforme demonstra a figura 01.

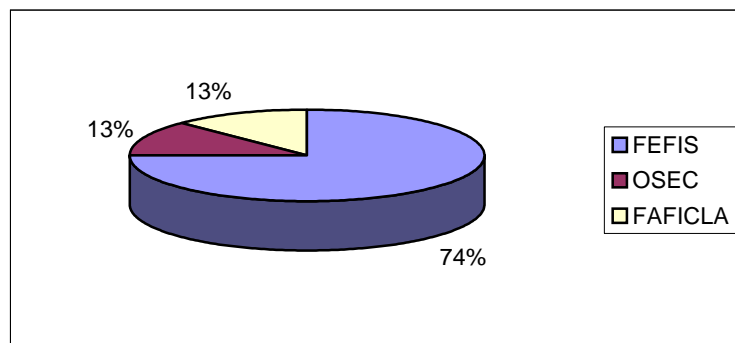
Tais cidades são vizinhas e localizam-se no litoral do estado de São Paulo, a aproximadamente 100Km da capital.

Figura 01 – Cidade onde a escola está localizada.



Com relação à instituição em que os sujeitos realizaram suas respectivas graduações, em 74% dos casos, elas estão concentradas em uma única instituição da cidade de Santos, conforme consta na figura 02. Tal fato nos leva a considerar que a maioria dos sujeitos teve sua formação superior a partir do mesmo contexto pedagógico.

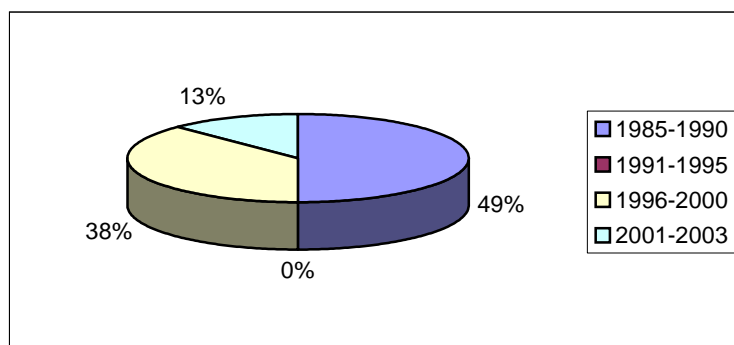
Figura 02 – Instituição em que você se graduou.



Quanto ao tempo decorrido da conclusão da graduação, em 49% dos casos isto já ocorreu entre 15 e 20 anos e apenas 13% dos sujeitos são formados mais recentemente, conforme demonstra a figura 03.

Esses dados nos levam a considerar que, aproximadamente, a metade dos sujeitos, possivelmente, não chegou a estudar Jogos Cooperativos em seu curso de graduação, em decorrência de que a inclusão desse tema é relativamente recente nos cursos de Educação Física.

Figura 03 – Ano de conclusão.

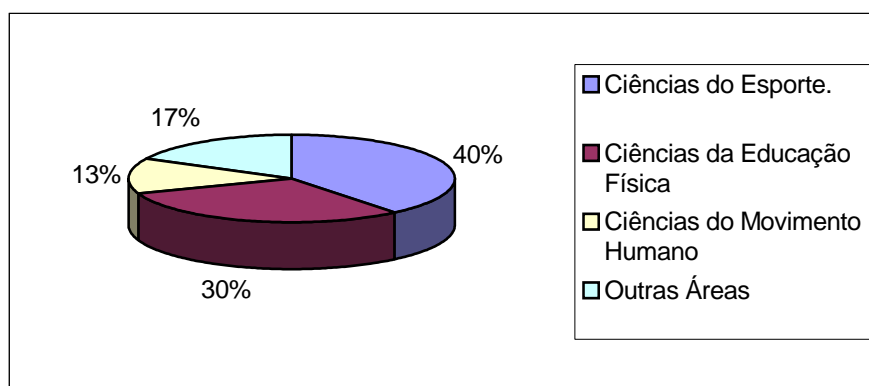


Com relação aos cursos complementares realizados pelos sujeitos nos últimos três anos, eles foram por nós agrupados nas seguintes áreas temáticas: ciências da Educação Física, ciências do Esporte e ciências do movimento humano. Entretanto, reconhecemos que todas elas permeiam o contexto educacional, mas a nossa opção em dividir os cursos em áreas específicas teve como objetivo informar ao leitor qual delas foi a que os sujeitos envolvidos na presente pesquisa se especializaram.

Neste quesito, a área ciências do Esporte contemplou a maioria dos cursos, com 40%.

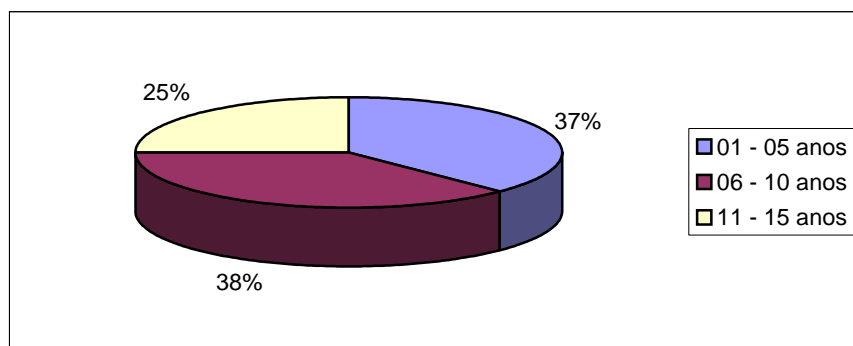
No item, outras áreas, encontram-se, por exemplo, cursos de informática e *bike in dor*, e representa 17% do total, conforme demonstra a figura 04.

Figura 04 – Cursos complementares nos últimos três anos.



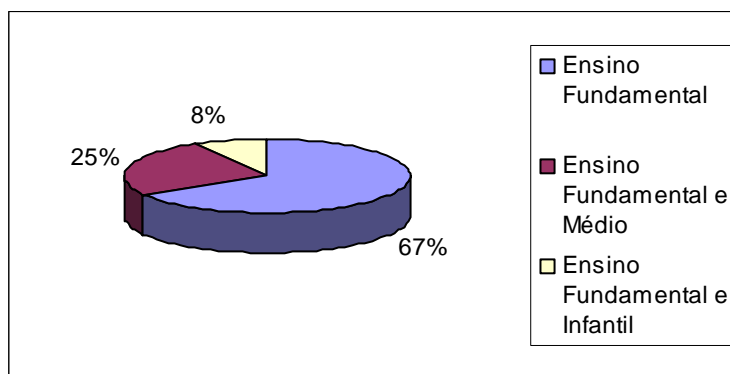
Com referência ao tempo de magistério, 38% dos sujeitos estão na faixa de 11 a 15 anos, e 25% deles, entre 06 e 10 anos, conforme indicado na figura 05. Para nós, esses dados demonstram que os sujeitos da pesquisa, em sua maioria, tem um tempo de exercício do magistério que lhes permite conhecer as principais questões pertinentes ao contexto escolar.

Figura 05 – Tempo de magistério.



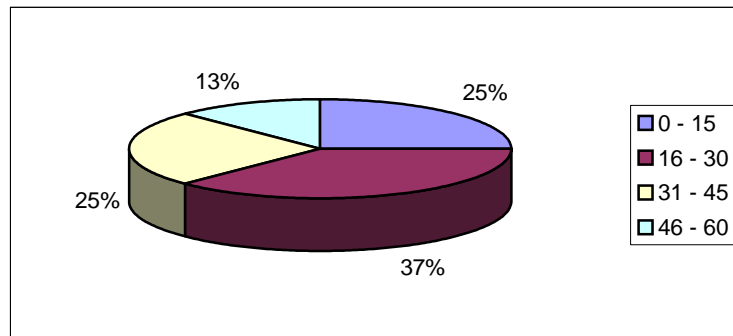
As respostas referentes ao grau de ensino em que os sujeitos lecionam denunciam que a totalidade dos sujeitos atua no Ensino Fundamental, conforme demonstra a figura 06. Para nós, o fato dos sujeitos lecionarem nesse nível de ensino foi importante, pois entendemos que, as discussões de maior relevância desta pesquisa abordam esse grau de ensino.

Figura 06 – Qual o grau de ensino e série que você leciona?



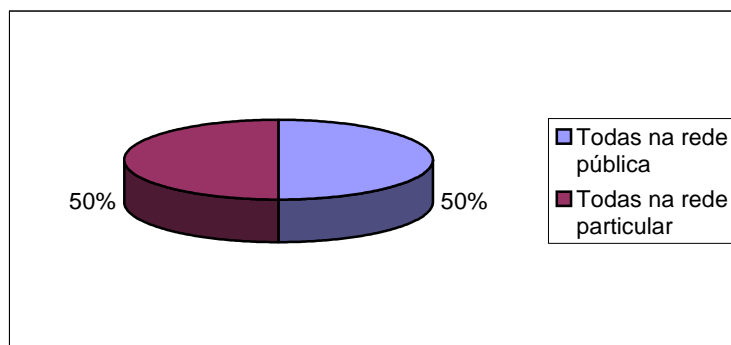
Na questão relacionada ao número de aulas semanais, 37% dos sujeitos informam ter uma carga horária de 16 a 30 aulas semanais. Consideramos que este número não representa uma jornada de trabalho muito estressante. Já 13% dos sujeitos chegam a um total que varia entre 46 e 60 aulas semanais, conforme indica a figura 07, o que para nós parece ser uma jornada de trabalho bastante elevada.

Figura 07 – Número de aulas semanais.



A questão referente ao número de aulas na rede particular e pública indica que, 50% dos sujeitos lecionam somente na rede particular e os outros 50% somente na rede pública, conforme indicação da figura 08. Tal situação já era previsível, pois ao contarmos os sujeitos para realizarmos as entrevistas, já fizemos essa divisão, visto que nosso objetivo era que a pesquisa contemplasse os dois contextos escolares, o público e o privado.

Figura 08 – Quantas na rede pública e quantas na rede particular?



2 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Conforme descrito nos procedimentos metodológicos, após a coleta dos dados e sua primeira organização, passamos a criação das categorias. Tais categorias foram criadas a *posteriori*, definidas à partir da análise do discurso apresentado pelos sujeitos.

Esse procedimento vai ao encontro do que nos diz Franco (2003) sobre a criação de categorias a *posteriori*. Segundo a autora, elas “*emergem da ‘fala’, do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria*”. (p. 53)

A criação das categorias seguiu ainda duas etapas:

PRIMEIRA ETAPA

A partir do quadro de análise da comunicação dos sujeitos, procuramos organizar um conjunto de temas cujo teor pudesse ser agrupado em função de sua proximidade e conteúdo semelhante. Nesta etapa o exercício de síntese foi essencial para que não abrissemos um número excessivo de categorias, o que poderia fragmentar demasiadamente os dados coletados.

Em seguida apresentaremos os quadros contendo as categorias criadas e as falas dos sujeitos, que exemplificam tais categorias.

A primeira questão pode servir como exemplo desta etapa do trabalho.

Questão 01- Na sua opinião qual a importância da Educação Física Escolar?

QUADRO A

a) A Educação Física é vista com a função de aprimoramento do aspecto motor: coordenação motora; lateralidade; habilidade para saltar, rolar e pular, por exemplo. Ela tem ainda o papel de suprir a falta de tempo, visto que boa parte das crianças estuda em período integral, e a falta de espaço disponível, como parques, praças e ruas, para explorar as habilidades físicas.

S-02

Então a importância, então é assim, nas aulas de E. F. principalmente para essas crianças na qual permanecem o maior tempo na escola é super importante porque, porque só na escola elas se desenvolvem tanto a parte motora, coordenação, lateralidade. Muitas vezes na escola a criança vai aprender a andar; andar de bicicleta; pular corda; a pular amarelinha; porque eles não têm mais tempo de brincar na rua. (grifos nossos)

S-03

Eu acho assim: bastante importante porque eles têm uma visão referente ao movimento, né? Porque o aluno, hoje em dia, ele só vê na E. F. a parte de futebol, então quando você entra com uma outra, você quer dar uma outra noção para ele do que é mesmo E.F., então eles não aceitam muito.

Então você tem que estar trabalhando aos poucos e aí você tem que passar para eles é... que a E. F. ela é como qualquer outra disciplina, que ela tem que ser estudada, e que para você estudar você tem que passar tudo o porquê ele estar fazendo aquele movimento, pra que serve aquele movimento, entendeu? (grifos nossos)

S-05

... poder ajudar e fazer o desenvolvimento, como eu posso falar... a coordenação motora com alunos, a gente pode fazer através das brincadeiras ... (grifos nossos)

S-08

É desenvolver na criança ou no ser, no indivíduo as habilidades que eles já nascem, só que eles têm que desenvolver, ele tem que nascer aquilo, tirar dele aquilo, então é rolar, saltar, pular, coordenação motora ... (grifos nossos)

QUADRO B

b) A E. F. é vista como contribuição para a formação global do ser humano, ampliando, assim, suas contribuições para além dos aspectos referentes à motricidade. Por meio de sua prática, atua-se na formação do caráter, da personalidade, no desenvolvimento do aspecto cognitivo e da sociabilidade. Neste sentido, os conhecimentos abordados pela E.F. poderiam contribuir para um melhor desempenho do aluno em sala de aula e do indivíduo em sua fase adulta.

S-01

Ela atinge vários aspectos, né? Sendo trabalhado adequadamente desde... do início da criança na atividade escolar até a formação de caráter (né?) onde se encerra.

Infelizmente aqui eu só tenho oportunidade de trabalhar até a 8^a. série, eu acredito que concluindo o trabalho todo é quando a criança ou o adolescente saia do colegial, do 3^o. colegial, aí você tem uma avaliação ampla da formação do caráter que você forma dentro do trabalho da E.F. Essa é a minha preocupação. (grifos nossos)

S-04

Bom, eu acho que a Educação Física, ela hoje, ela coloca assim parâmetros numa aula com certeza, isso na minha opinião, a criança vai usar na fase adulta, acho que através da Educação Física ela consegue proporcionar uma visão pra criança até de sociabilidade, assim, muito ampla, obviamente dependendo do professor, então eu acho muito importante. (grifos nossos)

S-04

Ah! É muito importante, muito importante. Até pra ela lidar com determinados limites e regras do mundo que eles põem, né? Eu acho que a Educação Física, ela é muito forte na formação assim da personalidade mesmo da criança, né? (grifos nossos)

S-05

A importância da Educação Física que ela trabalha num todo, né? Não só a preocupação de você trabalhar uma modalidade específica, tipo basquete, vôlei, ou handebol ou futsal... Você trabalhar os Jogos Cooperativos, que eu dou muito a importância pra eles, que trabalha o indivíduo na sua parte psicológica também, a integração com o grupo... (grifos nossos)

S-07

Na realidade, às vezes, não conseguimos transformar, isso é importante no fato de você dar relevância à valorização do corpo, da mente e fazer com que essa criança, ela se autovaloriza para que ela possa desenvolver melhor as atividades na sala de aula, né?(...) É eu procuro trabalhar com crianças é focando principalmente nas qualidades dela, eu não consigo visualizar os defeitos, eu esqueço, faço de conta que isso não existe, né? Então a gente trabalha as qualidades de cada criança como se estive também individualmente dentro do grupo, mas destacando individualmente os valores da criança para que ela possa se valorizar, corporal e mental, pra que ela possa ter um discernimento de grupo ... (grifos nossos)

S-08

... sociabilidade, interação com os amigos, a escolar... enfim, em geral. (grifos nossos)

S-08

... Cognitivo, as crianças, o indivíduo aprende a ter um raciocínio mais rápido, um raciocínio lógico, só. (grifos nossos)

QUADRO C

c) Por meio de sua prática voltada às atividades corporais recreativas e desenvolvida fora do espaço de sala de aula, a E. F. favorece uma aproximação maior com as crianças, facilitando assim uma maior exposição de seus problemas, o que permite aos professores desta disciplina uma intervenção diferenciada, em

função de sua prática, com relação aos demais professores.

S-07

A Educação Física é um ponto relevante, onde você tem um contato com a criança, onde você consegue extraí dela todas o as coisas que ela tem pra dizer, porque as vezes dentro de uma sala de aula ela não diz ela se reprimi então através das atividades físicas, atividades corporais recreativas, você vai tentando fazer mais harmonia, mais amizade com a criança então aí você vai extraíndo aqueles problemas dela e vai tentando trabalhar isso daí, a gente o Professor de Ed. Física, com a Educação Física creio eu que é um pilar fundamental... (grifos nossos)

QUADRO D

d) A principal contribuição da Educação Física está voltada para a busca de melhor qualidade de vida para os alunos. Neste caso, questões como: alimentação; importância do exercício físico; excesso ou falta de peso e prevenção de doenças seriam questões abordadas pela E.F. com caráter preventivo e reeducativo.

S-03

A gente trabalha visando também a E.F. como qualidade de vida, né? A melhor qualidade de vida. (...) Porque eles têm uma mania... jovens, as meninas, principalmente, de estar muito magra, de estar muito gorda, então você trabalha a parte da qualidade de vida também, passando pra eles a questão da alimentação, a importância do exercício, pra que serve, entendeu? (grifos nossos)

S-06

Se alimentar muito e não praticar nenhum tipo de exercício. O exercício é fundamental para que essas crianças queimem as calorias, né? As energias dela... pro seu desenvolvimento, pra que não se tornem obesas e também pra corrigir estas crianças que já vêm com problema de asma, bronquite que tem muito (grifos nossos).

QUADRO E

e) O conhecimento dos quatro esportes básicos - handebol, futebol, voleibol e basquetebol – suas regras e fundamentos, justificam a importância da Educação Física como formadora de adultos aptos a transferir tais conhecimentos para outras atividades físicas. Os alunos não precisam necessariamente, ser excepcionais nesses esportes, mas devem adquirir os conhecimentos básicos para que, no futuro, sejam adultos abertos a esse tipo de prática, como forma de recreação.

S-06

Este tipo de coisa, então eu acho que é fundamental pra que a criança tome conhecimento dos quatro esportes básicos, que seria interessante que tivesse natação, mas nós sabemos que a nossa realidade é outra, mas pelos esportes básicos, tivesse conhecimento, que não fosse nenhum Pelé de cada área, mas tomasse conhecimento dos fundamentos e regras desses esportes, pra que ele se tornasse um adulto aberto a qualquer atividade esportiva pra recreação, recreativa e ensinar futuramente seus filhos, então é isso a importância que eu vejo na Educação Física Escolar. (grifos nossos)

SEGUNDA ETAPA

Após o primeiro movimento de criação das categorias, iniciamos a etapa de nomeá-las.

Assim, a nomeação das categorias partiu do conteúdo já organizado anteriormente, porém ainda amplo, para um novo exercício de síntese e objetividade, em que as categorias criadas foram agrupadas a outras categorias, em função de sua pertinência, e posteriormente nomeadas. Marcou-se, assim, uma etapa de aprofundamento da análise.

Essa tarefa deu origem a um novo quadro que contém a categoria nomeada, sua descrição e alguns exemplos das falas dos sujeitos, como mostra o exemplo da primeira questão.

Questão 01- Na sua opinião qual a importância da Educação Física Escolar?

1) “Aprimoramento motor”

A importância da Educação Física é que ela aprimora o aspecto motor do aluno: coordenação motora; lateralidade; habilidade para saltar, rolar e pular, por exemplo. Ela tem, ainda, o papel de suprir a falta de tempo disponível que as crianças e os jovens têm para explorar suas habilidades físicas nas brincadeiras de rua.

*Então a importância, (...), nas aulas de Educação Física principalmente para essas crianças na qual permanecem o maior tempo na escola é super importante porque, (...) na escola elas (...) desenvolvem (...) a parte motora, coordenação, lateralidade. Muitas vezes na escola a criança vai aprender a andar; andar de bicicleta; pular corda; a pular amarelinha; porque eles não têm mais tempo de brincar na rua. **Sujeito 2***

*... poder ajudar e fazer o desenvolvimento, como posso falar... a coordenação motora com alunos, a gente pode fazer através das brincadeiras... **Sujeito 5***

*É desenvolver na criança ou no ser, no indivíduo, as habilidades que eles já nascem, só que eles têm que desenvolver, (...), tirar dele aquilo, então é rolar, saltar, pular, coordenação motora... **Sujeito 8***

2) “Prevenção e Reeducação”

A importância da Educação Física é que ela busca dar melhor qualidade de vida para os alunos. Neste caso, questões como alimentação; importância do exercício físico; excesso ou falta de peso e prevenção de doenças seriam abordadas por ela com caráter preventivo e reeducativo.

*A gente trabalha visando, também, a Educação Física como qualidade de vida, né? A melhor qualidade de vida (...) porque eles têm mania...jovens, as meninas principalmente, de estar muito magra, de estar muito gorda, então você trabalha a parte da qualidade de vida também, passando pra eles a questão da alimentação, a importância do exercício, pra que serve... **Sujeito 3***

...O exercício é fundamental para que essas crianças queimem as calorias, né? As energias dela...pro seu desenvolvimento, pra que não se tornem obesas e também pra corrigir estas crianças que já vêm com problema de asma, bronquite...

Sujeito 6

3) "Formação global do ser humano"

É função da Educação Física colaborar na formação global do ser humano ampliando assim suas contribuições para além dos aspectos referentes à motricidade. Dessa forma, por meio de sua prática, dos fundamentos dos jogos, ela irá auxiliar na formação do caráter, da personalidade, no desenvolvimento do aspecto cognitivo e da sociabilidade, bem como no melhor desempenho do aluno em sala de aula e, também, do indivíduo na sua fase adulta.

*... então eu acho que é fundamental pra que a criança tome conhecimento dos quatro esportes básicos, que seria interessante que tivesse natação, mas nós sabemos que a nossa realidade é outra, mas pelos esportes básicos, (...) mas tomasse conhecimento dos fundamentos e regras desses esportes, pra que ele se tornasse um adulto aberto a qualquer atividade esportiva pra (...)_ensinar futuramente seus filhos, então é isso a importância que eu vejo na Educação Física Escolar. **Sujeito 6***

*Ela atinge vários aspectos, né? Sendo trabalhado adequadamente desde... do início da criança na atividade escolar até a formação de caráter (né?) onde se encerra. Infelizmente aqui eu só tenho oportunidade de trabalhar até a 8ª. série, eu acredito que concluindo o trabalho todo é quando a criança ou o adolescente saia do colegial, do 3º. colegial, aí você tem uma avaliação ampla da formação do caráter que você forma dentro do trabalho da Educação Física. Essa é a minha preocupação. **Sujeito 1***

Ah! É muito importante, muito importante. Até pra ela lidar com determinados limites e regras do mundo que eles põem, né? Eu acho que a Educação Física, ela é muito forte na formação, assim, da personalidade mesmo da criança, né?

Sujeito 4

*A Educação Física é um ponto relevante, onde você tem um contato com a criança, onde você consegue extraí dela todas o, as coisas que ela tem pra dizer, porque às vezes dentro de uma sala de aula ela não diz, ela se reprime, então, através das atividades físicas, atividades corporais recreativas, você vai tentando fazer mais harmonia, mais amizade com a criança, então, aí você vai extraindo aqueles problemas dela e vai tentando trabalhar isso daí... **Sujeito 7***

A criação e nomeação das categorias nos deram subsídios para iniciar uma nova etapa do trabalho, a análise e interpretação dos dados.

Com relação à realização da presente análise, esta obedeceu ao seguinte critério:

- a) Apresentamos, para cada questão da entrevista realizada, um quadro síntese, no qual figuram as categorias levantadas a partir das respostas dadas pelos sujeitos, sua freqüência absoluta e a freqüência porcentual.

- b) Explicação de cada uma das categorias e algumas falas dos sujeitos, a título de ilustração.
- c) Análise e interpretação dos dados.

O estabelecimento de tal critério para a análise dos dados coletados, examinando questão por questão, foi adotado por nos possibilitar o exame detalhado de cada uma delas e nos permitir organizar com maior clareza a apresentação da análise ao leitor.

Com relação à frequência absoluta dos dados, esta representa o número de respostas dadas ao quesito, e não o de sujeitos que respondem a ele.

A fonte de informação para a elaboração dos nove quadros sínteses que se seguem são as entrevistas realizadas com os sujeitos dessa pesquisa, durante os meses de novembro e dezembro do ano de dois mil e quatro.

Quadro 01- Importância da Educação Física Escolar

CATEGORIAS	f	f %
1) “Aprimoramento motor”.	4	26,67
2) “Prevenção e reeducação”.	2	13,33
3) “Formação global do ser humano”.	9	60,0

1) “Aprimoramento Motor”

A importância da Educação Física reside em aprimorar o aspecto motor do aluno: coordenação motora; lateralidade; habilidade para saltar, rolar e pular, por exemplo. Ela tem, ainda, o papel de suprir a falta de tempo disponível que as

crianças e os jovens têm para explorar suas habilidades físicas nas brincadeiras de rua.

*Então a importância, (...), nas aulas de Educação Física principalmente para essas crianças na qual permanecem o maior tempo na escola é super importante porque, (...) na escola elas (...) desenvolvem (...) a parte motora, coordenação, lateralidade. Muitas vezes na escola a criança vai aprender a andar; andar de bicicleta; pular corda; a pular amarelinha; porque eles não têm mais tempo de brincar na rua. **Sujeito 2***

*... poder ajudar e fazer o desenvolvimento, como posso falar... a coordenação motora com alunos, a gente pode fazer através das brincadeiras... **Sujeito 5***

2) “Prevenção e Reeducação”

A importância da Educação Física está em que ela busca dar melhor qualidade de vida para os alunos. Neste caso, questões como: alimentação; importância do exercício físico; excesso ou falta de peso e prevenção de doenças, seriam questões abordadas por ela com caráter preventivo e reeducativo.

*A gente trabalha visando, também, a Educação Física como qualidade de vida, né? A melhor qualidade de vida (...) porque eles têm mania...jovens, as meninas principalmente, de estar muito magra, de estar muito gorda, então você trabalha a parte da qualidade de vida também, passando pra eles a questão da alimentação, a importância do exercício, pra que serve... **Sujeito 3***

*...O exercício é fundamental para que essas crianças queimem as calorias, né? As energias dela...pro seu desenvolvimento, pra que não se tornem obesas e também pra corrigir estas crianças que já vêm com problema de asma, bronquite... **Sujeito 6***

3) “Formação Global do Ser Humano”

A importância da Educação Física está em contribuir para a formação global do ser humano, ampliando sua atuação para além dos aspectos referentes à motricidade. Dessa forma, por meio de sua prática, dos fundamentos dos jogos, ela irá auxiliar na formação do caráter, da personalidade, no desenvolvimento do aspecto cognitivo e da sociabilidade, bem como no melhor desempenho do aluno em sala de aula e, também, do indivíduo na sua fase adulta.

Ah! É muito importante, muito importante. Até pra ela lidar com determinados limites e regras do mundo que eles põem, né? Eu acho que a Educação Física, ela é muito forte na formação assim da personalidade mesmo da criança, né?

Sujeito 4

... sociabilidade, interação com os amigos, a escolar... em fim em geral. **Sujeito 8**

Como pode ser observado no quadro 1, a categoria “Aprimoramento Motor” aparece em 26,67% das falas dos sujeitos. Tal representação deve-se, a nosso ver, ao fato de que os conteúdos da Educação Física Escolar, como jogos, ginástica, lutas, esportes e danças, entre outros, são naturalmente relacionados à prática corporal e às habilidades motoras, assim como possivelmente os conteúdos da Matemática, por exemplo, são relacionados à aprendizagem de cálculos matemáticos e raciocínio lógico.

No entanto é importante que a relevância da Educação Física Escolar não seja justificada apenas por aspectos referentes à experiência prática. Segundo consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s de 1998, os procedimentos da Educação Física que são ligados ao fazer, não devem ser limitados ao universo

das habilidades motoras, pois, por meio de sua prática, podemos gerar importantes reflexões sobre respeito mútuo, justiça e solidariedade, entre outros.

Como desdobramento da estreita relação da Educação Física com aspectos ligados à motricidade, surgem os cuidados com a saúde e prevenção de doenças, questão muito presente em boa parte da história da Educação Física e que ficou representada pela importância atribuída aos conteúdos ligados às ciências biológicas nos cursos de formação de professores.

Segundo Gallardo (1998):

Ensinava-se ao futuro professor como fortalecer o corpo de um indivíduo por meio de exercícios e o que fazer para manter o organismo saudável e resistente às condições de trabalho.
(p. 18).

Tal perspectiva ficou representada por meio da categoria “Prevenção e Reeducação” que, durante as falas dos sujeitos, aparece em 13,33% das respostas.

Já a categoria “Formação Global do Ser Humano”, presente em 60% das respostas dadas, aponta, em nosso entendimento, para uma concepção ampliada da Educação Física Escolar. Esta concepção procura compreender o ser humano não apenas como um corpo a ser treinado e aprimorado, mas principalmente como um indivíduo que, ao se movimentar, também é capaz de sentir, de pensar e de se relacionar com o outro por meio de seus movimentos. Essa concepção prevê ainda uma Educação Física na qual o corpo não é modelado com base em padrões predeterminados, nos quais o indivíduo deva ser enquadrado, mas sim,

um corpo que seja reconhecido também como expressão da criatividade, da autonomia e da subjetividade.

Para Gallardo (1998):

A principal crítica à Educação Física escolar do período que chegou até a década de 1970 é que sua visão biologista preocupou-se com o aprimoramento físico do adolescente e do adulto jovem sem levar em conta, na maioria das vezes, a totalidade dos indivíduos envolvidos nesse processo. (p.19).

Portanto, se alguns anos atrás a prática dessa disciplina esteve vinculada a uma visão fragmentada do ser humano, a freqüência de tal categoria, nesta questão, demonstra que a maioria dos sujeitos entrevistados considera que, por meio da Educação Física Escolar, podemos contribuir para a formação do ser humano não só no aspecto motor, mas também na formação do caráter e da personalidade, no desenvolvimento da sociabilidade e da inteligência, entre outros. O que concorre para uma visão ampliada da disciplina que também é encontrada nos PCNs (1998):

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física trazem uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. (p.15)

Essa categoria nos mostra ainda uma alteração no enfoque dado à Educação Física, por parte dos professores. Se antes o olhar deles convergia para uma disciplina que tinha por referência uma perspectiva individual, agora, segundo a freqüência das respostas dadas, aponta para um olhar no qual o coletivo é o seu ponto de partida.

No entanto essa mudança no enfoque sobre a Educação Física, partindo das nossas observações, nos parece transitar, em grande parte, pelo discurso do ideal, não se traduzindo ainda em alterações concretas na prática pedagógica.

Na nossa perspectiva, as principais transformações propostas para a Educação Física Escolar, encontradas nos textos atuais e que apontam para uma prática transformadora do modelo vigente, encontram-se ainda num processo de reflexão e amadurecimento. Portanto, de certa forma, distantes de uma prática que represente o desdobramento de tais transformações.

Quadro 2 – Significado de Competição para os sujeitos

CATEGORIAS	f	f %
1) “Busca do resultado”	14	53,85
2) “A Vida é uma competição”	9	34,61
3) “Cooperar para competir melhor”	3	11,54

1) “Busca do resultado”

A competição é caracterizada por dois pólos em oposição que buscam seus objetivos, o que implica ganho de uma das partes e perda da outra. Na competição buscam-se resultados, o que culmina com a exclusão de um dos grupos e, considerando que haverá perda e ganho, as duas situações deverão servir de aprendizado para os alunos. Assim também a competição é uma forma de avaliar o trabalho que foi realizado e, neste sentido, ela serve de parâmetro para que o aluno meça seu rendimento e avalie se está preparado psicologicamente para competir.

Competição, equipes dispostas a vencer, né? A conquistar um resultado em prol de... eu acho que joga tudo em prol de resultados, isso pra mim seria uma competição, né? Duas equipes jogando, vence o melhor, acaba sendo uma competição... **Sujeito 5**

É uma forma de avaliação. De avaliar se, no caso, o adolescente está preparado para competir (...) Então eu acredito que os jogos são uma forma de avaliar se a criança tem condições, se está preparado psicologicamente para encarar os desafios que vêm pela vida. **Sujeito 1**

2) “A vida é uma competição”

A competição é a base de todos os nossos relacionamentos, intra e interpessoais, de forma que a própria vida se resume em uma competição. Dessa forma, o princípio de nossas relações é a competição, o que desenha uma estrutura social pronta e acabada que dependerá muito pouco de nossas interferências. Neste sentido, trabalhar com estratégias cooperativas torna-se difícil, inútil e incoerente, já que vivemos num modelo competitivo.

Porque na vida vai ser competição pelo trabalho, vai ser competição, de repente, por um relacionamento, tudo na vida. **Sujeito 4**

Claro, a vida é uma competição, pra mim, a vida é uma competição, você tá estudando pra se aperfeiçoar, para poder galgar um espaço melhor e maior e você vai, está competindo com outras pessoas, correto? **Sujeito 7**

3) “Cooperar para competir melhor”

A competição e a cooperação são manifestações que estão diretamente relacionadas e, para atingir nossos objetivos, dependemos da cooperação de outras pessoas. Dessa forma a cooperação seria a chave para alcançar a vitória e o sucesso.

*... assim obviamente que pra você ter uma competição vai ter que passar pela cooperação, que é o que eu busco mais nas minhas aulas é a cooperação, do que competição. **Sujeito 4***

*... porque se ele treina existe uma cooperação nele nos treinamentos, mas a competição vai coroar todo o treinamento que ele fez, na minha visão à vista do atleta. **Sujeito 6***

Considerando os dados do quadro 2, observamos que a categoria “Busca de resultado” aparece em 53,85% das respostas, momento em que os sujeitos descreveram a competição como uma situação de oposição entre pessoas ou grupos, implicando vitória ou derrota.

Tal descrição nos parece correta, a competição poderia ser explicada dessa forma. Mas, considerando que os jogos desenvolvidos na escola foram, em grande parte, apontados pelos sujeitos como exemplo dessa categoria, algumas considerações merecem ser pontuadas:

- Se, na competição, como apontado pelos sujeitos, jogamos em busca do resultado, vale lembrar que, a partir dessa perspectiva, ao jogar, possivelmente, nossa atenção esteja voltada somente para o produto final do jogo, conseqüentemente, a vitória ou a derrota.

Quando jogamos envolvidos apenas pela preocupação com o resultado final, deixamos de aproveitar uma série de experiências positivas e de oportunidades de aprendizagem que ocorrem durante o desenvolvimento do jogo e que independem de seu resultado final.

Sobre a preocupação com o resultado no jogo, Orlick (1978) observa que *“não ensinamos as crianças a amarem os esportes; nós as ensinamos a vencer jogos”*. (p. 19).

Dessa forma, tomando por base as palavras de Orlick (1978), qualquer situação de jogo na escola, independente de sua estrutura competitiva ou cooperativa, é um convite para explorar o processo de jogar, e as oportunidades que o jogo nos oferece, tais como prazer, alegria e interação; e não apenas a busca da vitória como resultado final.

Nesse sentido é importante que a energia lúdica que acompanha o jogo não seja esquecida, em prol da seriedade quase sempre presente nas situações em que buscamos atingir metas e resultados.

- Se as situações de jogo que envolvem o sentimento de perda ou ganho devem servir como aprendizado para os alunos, conforme foi apontado pelos sujeitos, vale lembrar que o professor é a pessoa mais bem indicada para auxiliar o grupo derrotado a perceber tais situações de aprendizado presentes mesmo na derrota.

Com relação à categoria “A vida é uma competição”, esteve presente em 34,61 % dos casos. Entendemos que tal categoria demonstra, até certo ponto, uma visão determinista, na qual os processos vividos coletivamente dependem muito pouco das interferências dos sujeitos neles envolvidos. Dessa forma a cultura, que é o produto das interações dos indivíduos, estaria pronta e acabada, cabendo-nos apenas a reprodução dos modelos encontrados na sociedade.

Segundo Boesch (1991): “... a cultura não apenas induz e controla a ação, mas também é continuamente transformada por ela; portanto, a cultura é tanto um processo como uma estrutura”. (apud Simão, 2002, p. 88).

Vale ressaltar que, em se tratando das relações coletivas, tudo é processo, nada está pronto e acabado, tudo está em movimento. Em assim sendo, do nosso ponto de vista, nem a competição, nem a cooperação seriam suficientemente capazes de explicar a vida, considerando seu extremo grau de complexidade, pois ambas, competição e cooperação, são manifestações que compõem um universo de múltiplas relações presentes em nossa vida e, portanto, constituem um processo.

Possivelmente essa visão determinista que apontamos tenha origem no modelo gerado pelo capitalismo sob o qual vivemos. Tal modelo fomenta a competição de várias formas e em muitos contextos, tais como: o educacional, o profissional e o comunitário, entre outros. Esse fomento à competição é representado ainda por nossa constante busca do primeiro lugar, mesmo quando não é necessário, como forma de obtermos prestígio, reconhecimento e *status*.

Segundo Boff (2003), “O capitalismo acende a competitividade e não a cooperatividade. Ao colocar a competição no centro de tudo, só um ganha e todos perdem: há a guerra dos eus”. (p.42)

Nessa perspectiva as pessoas envolvidas pela competição acabam por compartilhar da idéia de que “levar vantagem em tudo” é a única opção no convívio social, podendo, desse modo gerar o individualismo e a exclusão.

Essa concepção, possivelmente, acabará diminuindo nossas possibilidades de reconhecer as manifestações de cooperação, mesmo nesse modelo que descrevemos.

Já com relação à categoria “Cooperar para competir melhor”, que aparece em 11,54% das falas, ela demonstra que os sujeitos percebem a manifestação da cooperação durante uma disputa, para que os objetivos sejam alcançados. Tal percepção aponta um aspecto de fundamental importância: muitas vezes, principalmente nas situações vivenciadas durante os jogos, competição e cooperação co-existem, o que pede um olhar atento por parte do professor para a compreensão dessa dinâmica.

Para Brotto (2001), cooperação e competição são processos diferentes, “*porém não muito distantes*”. Ainda, segundo o autor,

As fronteiras entre eles são tênues, permitindo um certo intercâmbio de características, de maneira que podemos encontrar em algumas ocasiões uma competição-cooperativa e em outras, uma cooperação-competitiva. (P. 28).

A categoria em questão demonstra, ainda, a compreensão de um dos níveis de cooperação no jogo: a manifestação da cooperação entre os integrantes de uma equipe durante uma competição. No entanto, no nosso entender a percepção da manifestação da cooperação no jogo pode atingir níveis ainda mais complexos, dependendo em grande parte da estrutura em que se escolhe jogar, por exemplo, nos jogos semicooperativos, de inversão, sem perdedores e de resultado coletivo, conforme a classificação de Orlick (1978).²

² Essa classificação foi detalhada no capítulo 2 – Jogos Cooperativos

Quadro 03- Significado de Cooperação para os sujeitos.

CATEGORIAS	f	f %
1) “Ajuda mútua”.	18	90
2) “Cooperação: uma força menor”.	2	10

1) “Ajuda Mútua”

A cooperação é uma ajuda mútua, uma troca em que os indivíduos envolvidos contribuem para o benefício do todo. A ajuda aqui não envolve a exigência de algo em troca da ajuda oferecida ou cobrança do trabalho oferecido ao grupo. Cooperação é a união do grupo em prol de uma ação compartilhada por todos, em que todos vão sair beneficiados, não havendo exclusão dos integrantes do grupo.

É um ajudar o outro; é uma troca sem cobrança; uma troca tipo eu estendi a minha mão, você estende a sua, na hora que precisar; é ajudar, ajudar mesmo sem pedir nada, sem pedir nada.

Sujeito 2

Cooperação, aí sim, a cooperação pra mim é quando há ação. Tem uma ação que é compartilhada pelas crianças, então a gente tem uma ação, todas elas vão participar daquilo e cujo resultado vai ser benéfico para todos. **Sujeito 4**

2) “Cooperação: uma força menor”

A cooperação tem menos força que a competição em situação de aula, pois a competição é inerente ao ser humano.

Visando o grupo, mas no nosso dia-a-dia, esse lado cooperativo, acho que ele é muito assim vago, não sei dizer. Eu acho ele muito vago.

*Porque, (...), eu acho que por mais que você queira trabalhar o lado cooperativo você tá visando muito o competitivo. Eu vou falar pra você: existe o cooperativo? Existe. Mas a gente vê muito esse lado competitivo, entendeu? **Sujeito 3***

*Oh! A cooperação na atividade, na Educação Física, eu acho que ela tem que ser introduzida moderadamente, (...), é inerente do ser humano a competição, eu... eu acho, eu vejo, (...) há competição em tudo que você faz... **Sujeito 8***

Com relação ao quadro 03, no qual a categoria “Ajuda Mútua” ocorre em 90% das falas, entendemos que, na percepção da maioria dos sujeitos, a cooperação é vinculada ao esforço conjunto, à inclusão e ajuda, que seriam facilmente percebidas nas relações cotidianas.

Queremos destacar que, ao explicitar o significado da cooperação, os sujeitos, em sua maioria, destacam questões muito pertinentes à nossa própria visão do que vem a ser cooperação. Dessa forma ao destacarem pontos, como inclusão, união, ação compartilhada, participação, divisão de tarefas e de conquistas, os sujeitos entrevistados demonstram uma visão clara dos principais aspectos que envolvem o ato de cooperar.

Considerando o teor das respostas, bem como o fato de que os exemplos práticos de cooperação oferecidos pelos sujeitos estão, em sua maioria, relacionados a acontecimentos ocorridos durante as aulas dos entrevistados, observamos que tal categoria se opõe à categoria “A vida é uma competição”, referenciada no quadro 2.

Essa possível contradição teria origem na percepção dos sujeitos de que a escola, assim como as situações e experiências vividas em seu espaço, são desvinculadas das demais experiências vivenciadas pelos alunos no seu cotidiano, momento em que a vida é representada por uma competição. Dessa forma, o que se vive na escola teria uma conotação propícia apenas para o ambiente escolar, mas que pouco repercutiria fora dele. Sendo assim, uma prática pedagógica que priorize valores como solidariedade, respeito e confiança, entre outros, seria pertinente apenas para o contexto das aulas, já que os alunos não fariam a transferência de tais valores para situações fora da escola.

Ainda nessa questão, a categoria “Cooperação: uma força menor”, com 10% das respostas, aponta para uma certa inferioridade das manifestações cooperativas em relação às competitivas durante as aulas. Tal categoria de certa forma se opõe à categoria abordada anteriormente, “Ajuda Mútua”, já que as manifestações de cooperação para os sujeitos não seriam facilmente observadas.

Outro aspecto importante, apontado pelos sujeitos, que justificaria a cooperação como uma força menor, é o fato de que a competição é inerente ao ser humano, o que tornaria natural a sua presença nas aulas e explicaria a dificuldade encontrada pelos professores no trabalho com práticas cooperativas.

Segundo Orlick (1978), isto não consistiu uma verdade, pois, para ele,

Não existe qualquer evidência de um impulso biologicamente herdado para a competição, que prejudique o organismo caso seja ignorado, como é o caso da necessidade de comer, beber ou respirar. (p.21)

Já para Margaret Mead, segundo descreve Orlick (1978), o que influencia diretamente na escolha dos indivíduos, quanto à questão do cooperar ou competir, é a estrutura social em que esses indivíduos estão inseridos.

Dessa forma, ao considerar a interferência da estrutura social em nossas escolhas, é importante que reconheçamos a escola como parte importante dessa estrutura e que reflitamos sobre a forma como a escola vem influenciando os alunos em suas escolhas entre cooperar ou competir.

Quadro 04 – Forma como o professor interviria numa situação de exclusão durante as aulas.

CATEGORIAS	f	f%
1) “A Educação Física é um direito de todos”.	16	100,0

1) “A Educação Física é um direito de todos”

A intervenção do professor baseia-se na idéia de que todos têm direito de participação na Educação Física Escolar. Considerando que o objetivo da disciplina não é a formação de atletas, todos devem ter tratamento igual, ninguém deve ser excluído por falta de habilidade e todos devem ter as mesmas oportunidades de participação nas aulas.

*... porque na escola não tem que ter exclusão, na escola você vê o aluno, todos são iguais, você tá vendo de escola, de Educação Física escolar, todos são iguais. Eu não vejo diferença, então não tem o porque que eu vou estar excluindo um aluno, mesmo que ele não tenha, vai, uma habilidade mais que o outro, porque você sabe que sempre vai entrar nesse lado. **Sujeito 3***

Pra que todos possam jogar, pra que a Educação Física seja igual pro todo, todos tenham a mesma oportunidade de pegar na bola, de brincar de interagir, senão não há interação... **Sujeito 8**

Primeiro eu ia falar que essa situação do jogo têm que estar todos envolvidos, então o que você iria fazer, olha você iria arrumar uma estratégia onde você ia pedir para que eles passassem a bola para todos porque o direito é de todos participarem. **Sujeito 3**

Os dados do quadro número quatro apontam que a categoria “A Educação Física é um direito de todos” foi unanimemente nomeada pelos sujeitos.

Esse fato demonstra, a nosso ver, que os professores entrevistados têm plena consciência de que os alunos devem ter total acesso às práticas promovidas pela Educação Física Escolar e que tal disciplina deve oferecer aos alunos oportunidades iguais de participação, independente de suas habilidades.

Essa concepção de Educação Física, mais democrática e inclusiva, ganhou força a partir do momento no qual o modelo conhecido como “piramidal”, que buscava selecionar talentos para representar o esporte nacional por meio de sua prática, começou a dar sinais de fracasso.

Ao descrever esse momento, os PCNs de Educação Física relatam que:

Na década de 80 os efeitos desse modelo começaram a ser sentidos e contestados: o Brasil não se tornou uma nação olímpica e a competição esportiva da elite não aumentou significativamente o número de praticantes de atividades físicas. (1998, p. 22).

A partir de então, a busca por uma prática que não excluísse os alunos menos hábeis ou aqueles que não apresentassem o perfil característico do talento esportivo passou a ser uma questão urgente para a disciplina.

Dessa forma, o movimento pela democratização da Educação Física tem sido amplamente divulgado nos últimos anos, convencendo muitos professores de que os objetivos da disciplina não apontam para a formação de atletas.

Outra concepção importante, e que converge para tal movimento, é a que aborda o esporte como veículo de Educação.

Nesta perspectiva o esporte, como conteúdo da Educação Física Escolar, merece uma prática pedagógica realmente inclusiva e socializadora, que considere além do processo de ensino-aprendizagem das habilidades características da prática dos esportes, também os valores morais presentes em tal prática.

Segundo Paes (1998): *“... quando se pensa no esporte como meio de educação, é preciso ter convicção de que o importante não é o jogo, mas sim, quem joga”*.

(apud Brotto, 2001, p. 73).

Vale lembrar que essa concepção, que tem o foco na pessoa que está participando da Educação Física, tem influenciado significativamente a disciplina nos últimos anos, o que justificaria a representatividade da categoria em questão.

Ainda com referência à categoria “A Educação Física é um direito de todos”, considerando que a questão solicitava que o sujeito explicitasse como seria sua intervenção durante uma aula na qual ocorresse uma situação de exclusão de alguns alunos no transcorrer de um jogo de handebol, especialmente um aspecto na resposta dos sujeitos nos chamou a atenção: das respostas dadas, 50% dos sujeitos escolhem incluir uma nova regra no jogo em andamento, como solução para o problema. De modo geral tal regra consiste na seguinte alteração do jogo: antes que a bola seja arremessada ao gol, todos os integrantes do time deverão tê-la recebido pelo menos uma vez, ou o gol não será validado.

Em princípio, tal intervenção nos parece perfeita, a nova regra em questão realmente parece resolver o problema da exclusão de uma forma cooperativa, já que todos receberiam a bola. No entanto uma questão importante a ser considerada é o fato de que nenhum dos sujeitos, em suas respostas, propôs aos alunos uma reflexão sobre o problema em questão, por exemplo, mostrar que alguns alunos, por não receberem a bola, estão se sentindo excluídos do jogo e fizeram a reclamação. Ou ainda, abrir uma discussão com esses alunos sobre como seria jogar com a nova regra, e discutir se ela resolveria ou não o problema. Ao contrário, um dos sujeitos, ao incluir a nova regra, ameaça com paralisação do jogo caso os alunos não obedeçam a ela.

O que queremos destacar é que a intervenção proposta pelos sujeitos é muito pertinente, no entanto, considerando que tal intervenção busca inclusão e maior cooperação do grupo participante do jogo, parece-nos que mereceriam ser problematizados, discutidos e avaliados no grupo de alunos, de forma que eles participassem mais ativamente da resolução do problema em questão. Dessa forma a compreensão da real função da nova regra não viria pela imposição do professor e sim por meio da conscientização dos alunos, que, a nosso ver, é a única forma de prover verdadeiramente a inclusão e a cooperação.

Quadro 05 – Compreensão sobre os Jogos Cooperativos.

CATEGORIAS	f	f%
1) “Somos todos competitivos”.	3	21,43
2) “Unidos venceremos”.	11	78,57

1) “Somos Todos Competitivos”

A existência de um lado competitivo, tanto nas crianças quanto nos próprios professores, torna difícil a aplicação dos Jogos Cooperativos.

Possivelmente esse tipo de jogo funcione com os menores, mas com os maiores, que demonstram maior interesse pela disputa, não, pois eles não o aceitam.

Eu fui em algumas palestras, mas eu não, não que eu não simpatize muito, tem algumas colocações dos Jogos Cooperativos que eu não concordo, eu discordo de algumas opiniões. É impossível, não que seja impossível, é meio difícil você colocar para uma criança, tirar o lado competitivo dela e colocar o lado lúdico.

*Vamos dizer assim: uma faixa de idade da 5ª série em diante, dos 11 anos em diante, talvez esses jogos, o cooperativismo, funcione na primeira parte, pré, jardim, 1ª série, 2ª série, 3ª série, eu trabalho mais por essa forma. Daí em diante eu acho que as crianças, elas não aceitam muito (né?) o cooperativismo a linha cooperativista. **Sujeito 1***

*A gente, no início eu inclusive, senti uma certa, um certo bloqueio porque se vem de uma escola competitiva, e você falar em cooperação e implementar as atividades é meio complicado. **Sujeito 7***

2) “Unidos Venceremos”

Os Jogos Cooperativos são aqueles em que há ajuda entre os participantes, os participantes interagem de forma descontraída, não importando o nível de habilidade e sim a união do grupo. Nos Jogos Cooperativos todos são incluídos, todos participam, o que facilita a interação do grupo e o respeito às diferenças, e todos são vencedores.

Acho que o Jogo cooperativo é isso, é um ter que ajudar o outro pra que depois é... tudo sai a contento, sabe todos possam ajudar os outros e pedir ajuda e ser ajudado, aí entra a sociabilidade que eu te falei.

Sujeito 4

O Jogo Cooperativo, como eu havia colocado, é o trabalho do grupo, tá? Então você tem que ter a interação do grupo... sem visar à competição, tá? Fazer com que todos participem, né?

*Um Jogo Cooperativo? Ah! Jogo Cooperativo em si é você, como posso falar, você trabalhar o grupo, né? Você ter o grupo pra trabalhar e todos devem participar sem que tenha a exclusão, né? **Sujeito 5***

*... Jogos Cooperativos não vai haver assim um vencedor, todos vão participar, então os benefícios vão ser pra todos, não existe assim, ah! Nós vamos perder... **Sujeito 4***

Com referência aos dados apontados no quadro cinco, duas categorias foram nomeadas: a primeira, “Somos todos competitivos”, e a segunda, “Unidos venceremos”.

Com referência à primeira, “Somos todos competitivos”, que aparece em 21,43% das respostas, entendemos que ela é coerente com a categoria “A vida é uma competição”, já apontada anteriormente no quadro dois.

Consideramos a existência de tal coerência em função de essa nova categoria alimentar, até certo ponto, o discurso anterior, pois, se “A vida é uma competição” e “Somos todos competitivos”, a aplicação dos Jogos Cooperativos não teria muito sentido. Além disso, esse fato explicaria a dificuldade encontrada pelos professores quando da utilização de tais jogos, uma vez que os próprios sujeitos, em alguns casos, justificaram essa dificuldade em função de terem uma formação muito influenciada pela competição.

Possivelmente a dificuldade encontrada na aplicação dos Jogos Cooperativos tenha origem na concepção, por parte dos sujeitos, de que, quando incluímos os Jogos Cooperativos nas aulas, automaticamente excluimos os Jogos Competitivos e vice-versa. Dessa forma, ao aplicar os Jogos Cooperativos, estaríamos anulando o “lado competitivo” das crianças e, ao aplicar os Jogos Competitivos, estaríamos anulando nelas o “lado cooperativo”.

Na nossa perspectiva, entendemos que essa é uma visão dicotômica da aplicação dos jogos que, no mínimo, desconsidera a possibilidade da coexistência das duas estruturas, cooperativa e competitiva, durante as aulas.

Outro ponto que gostaríamos de destacar é o fato de que alguns sujeitos argumentaram que a aplicação dos Jogos Cooperativos com os alunos menores, do primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental, seria mais fácil, pois tais alunos aceitariam com mais facilidade esse tipo de jogo. No entanto, a aplicação dos Jogos Cooperativos com os alunos maiores, do terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio, não daria muito certo, pois, segundo os sujeitos, eles seriam resistentes e não aceitariam tais jogos.

Essas observações dos sujeitos nos parecem reais e coerentes. Os alunos menores, via de regra, costumam ter maior aceitação em relação às atividades propostas pelos professores de modo geral, diferentemente dos maiores, que demonstram maior resistência a essa questão.

No entanto queremos destacar que tais aspectos fazem parte do nosso processo de desenvolvimento e foram amplamente estudados por Jean Piaget. Tal estudo faz parte de sua obra, publicada no Brasil com o título de “O Juízo Moral na

Criança”. Nele o autor identifica dois tipos de moral: a moral da coação ou da heteronomia e a moral da cooperação ou da autonomia.

Na primeira, mais comum entre os menores, as crianças costumam obedecer sem questionamento às regras do jogo impostas pelos maiores, pois teriam um caráter obrigatório.

Na segunda, mais comum entre os maiores, o questionamento às regras do jogo acontece na busca do respeito mútuo, pois nesse período tais regras deverão atender mais diretamente às expectativas dos jogadores.

O que queremos pontuar, a partir dos estudos de Piaget, é que as atividades desenvolvidas com pré-adolescentes ou adolescentes terão maior aceitação por parte deles nos casos em que as regras e os objetivos de tais atividades ficarem claros para os alunos que dela participam ou ainda nas situações em que ocorra a participação ativa em sua construção.

Neste sentido, a aplicação dos Jogos Cooperativos para esse público deve vir acompanhada de discussão e reflexão.

Da mesma forma, outro aspecto importante para a aceitação das atividades propostas pelo professor, possivelmente seja o seu poder de argumentação e convencimento para que os alunos acolham as suas propostas.

Com relação à segunda categoria do quadro cinco, “Unidos venceremos”, presente em 78,57% das respostas, entendemos que o conteúdo da fala dos sujeitos, em sua maioria, converge para o que foi explicitado anteriormente, nas respostas à questão três: O que é cooperação para você?

Assim, as principais características dos Jogos Cooperativos apontadas pelos sujeitos são: a possibilidade de inclusão, de socialização e de respeito às diferenças.

Essas características, a nosso ver, podem ser úteis em todos os níveis de ensino e, uma vez reconhecidas pelos professores, justificariam a aplicação dos Jogos Cooperativos na Educação Física Escolar.

Apesar desse nível de resposta dos sujeitos, que se aproximam de uma visão ideal, observamos que possivelmente estejamos diante de uma contradição, pois vemos que, no conjunto de respostas, os sujeitos não demonstram terem incorporado tal visão às suas ações.

Quadro 6 – Diferenças entre Jogos Cooperativos e Jogos Competitivos.

CATEGORIA	f	f%
1) “União <i>versus</i> exclusão”.	13	100,0

1) “União *Versus* Exclusão”

Nos jogos cooperativos há união e harmonia, não importando o nível de habilidade do outro, portanto o jogo não exclui ninguém e os alunos compartilham mais.

Nos jogos competitivos as crianças ficam mais vulneráveis à rivalidade e agressividade entre os grupos, há sempre um ganhador e um perdedor, o jogo valoriza os melhores e facilita a exclusão.

... Jogo Competitivo eu acho que ele tá muito ligado à exclusão, na minha cabeça, né? (...) Então assim, o Jogo Cooperativo já não, já não exclui ninguém (...) um vai haver o confronto, isso no Jogo Competitivo, isso vai haver um confronto por quê? Porque um vai ganha o outro vai perder (...) Então o Jogo

Cooperativo não. Ele já tem assim uma... ele já compartilha mais, já... já... eles já se ajudam mais, então vão chegar assim num resultado que vai ser legal pra todo mundo, né? Sujeito 4

Na competição há muita exclusão da falta de habilidades, dos menos sociais; não há tanta interação na competição, há sim com aquele mais habilidoso, você sempre quer garantir o teu e joga a bola pra ele. Há uma certa agressividade, qualquer competição há uma certa agressividade, na cooperação não! Na cooperação sempre há um clima harmonioso, sempre ha um clima feliz, todos querem o mesmo objetivo, todos só pensam nisso, lutam pelo mesmo objetivo.... só. Sujeito 8

... na competição você individualiza muito, uma das diferenças básicas que a gente tem que trabalhar isso hoje pra mudar, pra não individualizar, mais o que acontece hoje, competição é individual, você individualiza os talentos. Jogos Cooperativos você inclui os talentos, você soma os talentos, né? Sujeito 7

A partir do que foi apresentado no quadro seis, uma única categoria, “União versus exclusão”, ocupa a totalidade das falas dos sujeitos.

Na categoria em questão os sujeitos apresentam a divisão clara das duas perspectivas: de um lado os Jogos Cooperativos e de outro os Jogos Competitivos.

Concordamos com os sujeitos quando apontam características dos Jogos Cooperativos, como partilha, inclusão e harmonia, entre outros. Também entendemos que tais características possam ser mais bem exploradas por meio de tais jogos, porém é importante que tenhamos um certo cuidado com a polarização ou o engessamento das características dos Jogos Cooperativos ou Competitivos.

Gostaríamos de destacar o fato de que, ao lidar com a manifestação do Jogo, estamos essencialmente lidando com incertezas e não com garantias.

Dessa forma, possivelmente as duas estruturas, cooperativas e competitivas, nos ofereçam essencialmente um campo de possibilidades, mas não de garantias. Nesse sentido, entendemos que os Jogos Cooperativos criam um ambiente em que as possibilidades de manifestações de respeito e solidariedade, por exemplo, são maiores, porém tais manifestações não estão garantidas em tais jogos. Da mesma forma que os Jogos Competitivos criam um ambiente no qual as possibilidades de exclusão e conflito são maiores, tais manifestações igualmente não estão garantidas em tais jogos.

Portanto, ao jogar com as duas estruturas – cooperativa e competitiva - estamos integralmente sendo desafiados a viver a incerteza presente no jogo, pois essa é uma de suas características fundamentais e inevitáveis.

Quadro 7 – Situação em que os sujeitos não aplicariam os Jogos Cooperativos.

CATEGORIAS	f	f%
1) “Desvio de rota”.	2	18,18
2) “Não existe tal situação”.	5	45,46
3) “Explorando jogos”.	2	18,18
4) “Falta de recursos materiais e humanos”.	2	18,18

1) “Desvio de rota”

No período de preparação para campeonatos escolares, no qual o foco é a competição, os alunos são treinados para competir e para chegar à vitória. Dessa forma os Jogos Cooperativos desviariam os alunos do principal objetivo: competir.

Uma situação clara, durante um período de preparação para competições. (...)

Acho que desviaria, desviaria a atenção de estar focando no objetivo que é ganhar a competição.

Sujeito 1

*Em que situação? Numa situação de competição de jogo mesmo, campeonato. Num campeonato onde é... vai, campeonato estadual, eles não visam à cooperação, eles visam à competição, você tá treinando... tipo assim, turma de treinamento, você tá treinando a turma de treinamento, ali não tem esse negócio de cooperação, é competição mesmo, é treinar o pessoal pra competir, entendeu? **Sujeito 3***

2) “Não existe tal situação”

Não existe uma situação em que os Jogos Cooperativos não possam ser aplicados, esse tipo de jogo cabe em qualquer lugar, mesmo nas salas de aula que costumam ter conflitos.

Não, não tem. Não tem situação para não aplicar, não tem não. **Sujeito 2**

*Eu aplicaria sempre Jogos Cooperativos, em quaisquer situações. **Sujeito 7***

3) “Explorando jogos”

Quando o professor trabalha as modalidades esportivas, explorando os fundamentos dos jogos, os Jogos Cooperativos, neste caso, são pouco trabalhados.

*Ah! Numa modalidade específica, se eu vou dar uma aula de Futsal, tá? Pouco envolve o Jogo Cooperativo, então você tá envolvendo os fundamentos do Futsal, então é o fundamento da modalidade, tá? Você pode colocar alguma coisa de cooperação, mas pouco é desenvolvido de cooperação em modalidades. **Sujeito 6***

*... quando eles jogam muito vôlei; handebol; futebol; eu acho que jogos cooperativos... talvez um educativo cooperativo até desse certo, mas joguinho cooperativo eu acho que não sei, não posso falar porque eu não trabalho com Ensino Médio mas, não sei não. **Sujeito 2***

4) “Falta de recursos materiais e humanos”

A aplicação de Jogos Cooperativos não é possível no caso de resistência por parte do público participante. Outro fator que inviabiliza tais jogos é a falta de recursos materiais, principalmente nas escolas públicas, por serem mais carentes.

*... se não houvesse público, se aonde eu encontrasse e sugerisse que fosse praticar o esporte... é cooperativo e houvesse resistência por parte dos atletas... **Sujeito 6***

*... dependendo do Jogo Cooperativo, falta de material, né? Por exemplo, os Jogos Cooperativos aqui na escola (...) É um lençol, puxa, comprar um lençol é tanta coisa, que a gente sabe que escola estadual eles são carentes, né? **Sujeito 6***

A partir do conteúdo apresentado no quadro sete, encontramos quatro categorias nomeadas. A primeira delas, com o título “Desvio de rota”, aparece em 18,18% das respostas dadas.

Em tal categoria os sujeitos apontam que a aplicação dos Jogos Cooperativos, num momento de preparação para competições e campeonatos escolares, não

teria propósito uma vez que o objetivo dos alunos e professores nesses casos seria a competição.

Sobre essa visão, entendemos que em muitos casos as instituições de ensino, públicas e privadas, nos levam a participar de competições escolares, mesmo que nem sempre sejam coerentes com a proposta pedagógica desenvolvida na escola. Essa questão foi claramente observada por um dos sujeitos durante as entrevistas. Segundo ele,

Então a competição começa aí, o próprio Estado que fala em cooperação, em harmonização, ele faz competição, a competição já tá aí dentro dos jogos...

Sujeito 07

No entanto, entendemos que, na situação pontuada pelos sujeitos, possivelmente os Jogos Cooperativos poderiam ser incluídos, uma vez que, conforme foi relatado anteriormente na categoria “Cooperar para competir melhor”, no quadro dois, a cooperação pode ocorrer entre os membros de uma mesma equipe com o objetivo de superar os de outra. Nesse caso os Jogos Cooperativos poderiam ser utilizados para aprimorar a cooperação intra-equipe e atingir um melhor resultado. Essa visão também é partilhada por Freire (1998). Segundo esse autor, a cooperação na prática do esporte é imprescindível, porque:

*...é tão definitivo para o esporte a capacidade de cooperar que as habilidades individuais, se não forem socializadas, não servem para o esporte. A habilidade individual do jogador não serve para o esporte; apenas a habilidade coletiva é compatível com essa forma de jogo.
(apud Brotto, p. 79).*

A categoria demonstra ainda que os sujeitos, nessa questão, não consideraram a possibilidade da co-existência entre cooperação e competição.

Entendemos que, ao participar das competições citadas, os sujeitos possivelmente considerem a vitória como único objetivo a ser alcançado, o que explicaria a ausência dos Jogos Cooperativos. Queremos lembrar que possivelmente, nesse caso, os sujeitos deixem de reconhecer outras possibilidades presentes em tal participação, que vão além da vitória, conforme questão já discutida anteriormente no quadro dois.

Segundo aponta Brotto (2001), o esporte nos oferece muitas possibilidades e contribuições. Para o autor: *“O esporte é um contexto extraordinário para aprender a Ser e Conviver. Nele podemos aperfeiçoar nossas **Habilidades de Rendimento**, e principalmente, descobrir e enriquecer nossas **Habilidades de Relacionamento**”*. (p. 80, grifos do autor).

Na nossa perspectiva, os Jogos Cooperativos ainda são pouco explorados no contexto dos jogos e competições escolares e tais competições, com o passar dos anos, pouco foram alteradas no sentido de que objetivos educacionais sejam realmente valorizados e incluídos em sua prática. Por esse motivo, possivelmente, os sujeitos não reconheçam a possibilidade de aplicação dos Jogos Cooperativos nesse contexto.

Com relação à categoria “Não existe tal situação”, presente em 45,46% das respostas dadas, entendemos que possivelmente os sujeitos estejam corretos.

No entanto, considerando que o trabalho de Educação Física seja desenvolvido numa escola em que as práticas competitivas estejam muito presentes no seu cotidiano, é necessário que tenhamos alguns cuidados, especialmente nesses casos. Entendemos que o professor deva iniciar a abordagem com Jogos

Cooperativos, partindo principalmente da utilização dos Jogos semicooperativos e de resultado coletivo.

Dessa forma, teríamos uma aproximação mais cuidadosa entre as duas estruturas: cooperativa e competitiva. Isso permitiria ao professor uma análise sobre a utilização e aceitação dos Jogos Cooperativos a partir das respostas dos alunos, bem como maior êxito quanto à inclusão de sua proposta.

Com relação à aceitação dos Jogos Cooperativos, Orlick (1978) observa que: “*O grau inicial de aceitação ou rejeição dos jogos cooperativos, especialmente daqueles com resultado invertido, parece refletir o grau de condicionamento a uma ética competitiva ou à vitória*”. (p. 137)

Já na categoria “Explorando jogos”, encontrada em 18,18% das respostas, os sujeitos apontam que a metodologia utilizada para o ensino das modalidades esportivas, tais como handebol, voleibol e futebol, por exemplo, não comportam os Jogos Cooperativos.

Entendemos que a observação dos sujeitos, possivelmente, seja justificada pelo fato de que as metodologias adotadas para o ensino dos esportes na escola ainda estejam muito atreladas ao modelo que prioriza o domínio do gesto técnico. Nesse contexto, professores e alunos entendem a prática do esporte na Educação Física escolar como uma reprodução do modelo de esporte profissional.

No entanto, tal modelo nem sempre agrega valores educacionais à prática do esporte, valores esses que, essencialmente, precisam estar presentes no ambiente escolar para o desenvolvimento do aluno como um todo.

Na perspectiva de Paes (2001), o esporte como conteúdo pedagógico da Educação Física escolar não deve ficar restrito ao ensino do gesto técnico. Para o autor, o foco e a atenção devem estar voltados a quem executa o gesto técnico.

Outra questão a ser considerada é o fato de que os Jogos Cooperativos ainda são um conhecimento pouco explorado, portanto a utilização de tais jogos como estratégia para o ensino das modalidades esportivas ainda carece de um número maior de estudos que contribuam para que a sua aplicação ao contexto do esporte venha a acontecer em proporções maiores no futuro. Tal fato, a nosso ver, justifica essa categoria.

Com referência à categoria “Falta de recursos materiais e humanos”, encontrada em 18,18% das respostas, entendemos que ela demonstra o desconhecimento que os sujeitos têm com relação aos recursos necessários para a aplicação dos Jogos Cooperativos. Os mais conhecidos deles, citados inclusive em algumas publicações, necessitam de poucos recursos materiais para sua realização, tais como, bolas, bambolês, bastões e cadeiras, entre outros, encontrados, normalmente, nas escolas.

Com relação à falta de recursos humanos, conforme relatado pelos sujeitos, não seria possível a aplicação dos Jogos Cooperativos em função da resistência por parte dos alunos.

Nesse caso é importante que estejamos atentos, pois os Jogos Cooperativos não devem ser aplicados como um “remédio ruim”, daqueles que ingerimos por simples obrigação. Na nossa perspectiva, entre as principais vantagens de tais

jogos estão a alegria e o prazer de jogar com o outro, portanto jogar contra a vontade, nesse caso, não é a melhor escolha ou solução.

Segundo Orlick (1978), *“A aceitação cooperativa é claramente uma função do ambiente social”*. (p.137)

Dessa forma, sugerimos que os sujeitos considerem o contexto no qual escola e alunos estão inseridos, bem como as condições nas quais suas relações sociais dentro e fora da escola ocorrem.

A partir daí os sujeitos podem articular algumas intervenções, tais como investir em estratégias que motivem os alunos para a prática dos Jogos Cooperativos ou explicar para o grupo os motivos de sua escolha por essa modalidade de jogo. Caso a resistência persista, os professores podem identificar quais alunos demonstram interesse pela prática dos Jogos Cooperativos, para que possam avaliar a possibilidade de aplicar tais jogos com esses alunos, visando a que possam servir de agentes motivadores para que os demais participem também. Outra possibilidade, para atender os alunos interessados, é a criação de turmas de Jogos Cooperativos com integrantes de classes diferentes.

Quadro 08 – Opinião dos sujeitos sobre as vantagens de se aplicar os Jogos Cooperativos.

CATEGORIAS	f	f%
1) “União, autoconfiança, felicidade, respeito”.	10	90,91
2) “Dificuldade pela estrutura oferecida”.	1	9,09

1) “União, autoconfiança, felicidade, respeito”

As vantagens na aplicação dos Jogos Cooperativos estão ligadas à sociabilidade e interação; ao sentimento de união e felicidade; ao respeito mútuo, à individualidade, e ainda à harmonização de conflitos durante os jogos, à autoconfiança.

*Ah, eu acho que todos saem felizes da atividade, eles não saem com aquele sentimento de perda, de ganho, e assim: e acho que eles levam muito com eles o sentimento do jogo, o sentimento do amigo, ele vai sempre se lembrar que aquele... **Sujeito 2***

*Acho que é muito importante porque o Jogo Cooperativo, além de trazer o dinamismo, vai trazer também uma autoconfiança pra aquela criança, porque ela não vai ter aquele medo ou aquela responsabilidade de ganhar ou perder, então ela vai ser ela. Esse é o ponto, até que eu queria, que estava na minha cabeça, eu queria te falar é isso! O importante pra mim, maior assim do Jogo Cooperativo é que a criança vai poder ser ela... **Sujeito 4***

*... eu vejo que os Jogos Cooperativos, eles deixam qualquer um feliz, um cara de 80, como meu filho de 4, porque é em busca da ajuda, né? (...) Na cooperação tem muito do pegar, do sentir, coisa que na competição não existe e na cooperação não importa a idade, ele vai tocar do mesmo jeito, como se tivesse 80 anos, vai tocar do mesmo jeito, porque há a ajuda, né? Pra você, agora falando do indivíduo só, a ajuda é isso, né? A mão amiga é o tocar a pessoa, é o sentir mesmo, e na cooperação não há. **Sujeito 8***

2) “Dificuldade pela estrutura oferecida”

Os jogos cooperativos facilitam que as pessoas fiquem juntas, mas, considerando a estrutura oferecida, é difícil trabalhar com esse tipo de prática.

A vantagem é deles estarem mais aguçados, né? De estarem mais juntos, mas, que nem eu te falei, se fosse pensar no Estado, em estar dando aula de Jogos Cooperativos, é difícil, não é fácil, entendeu?

Sujeito 3

Com relação aos dados apontados no quadro oito, duas categorias foram nomeadas. A primeira delas, com o título de “União, autoconfiança, felicidade, respeito”, é encontrada na maioria das falas dos sujeitos, totalizando 90,91% das falas.

Em tal categoria observamos que alguns aspectos já foram discutidos a partir do quadro seis, especialmente na categoria “União versus exclusão” na qual os sujeitos indicam aspectos positivos dos Jogos Cooperativos. Dessa forma, ao apontarem as vantagens de aplicar os Jogos Cooperativos o conteúdo anteriormente explicitado reaparece.

Entre os aspectos enunciados pelos sujeitos como vantagem, gostaríamos de destacar a autoconfiança e a felicidade.

Ao referir estudos realizados sobre o comportamento das crianças, Orlick (1978) destaca que a grande maioria interage amistosamente quando vivencia situações não-competitivas.

Neste sentido, os aspectos identificados como uma vantagem, possivelmente tenham maior frequência nos jogos sem perdedores ou de resultado coletivo, conforme classificação do mesmo autor, pois, quando as crianças estão livres da necessidade de vencer, da pressão por superar ou serem superadas por alguém, possivelmente as sensações de felicidade e autoconfiança sejam mais frequentes.

Tais sensações se originam, possivelmente, a partir das características dos jogos apontados, nos quais os participantes têm um objetivo comum e passam a unir forças para atingi-lo. Tal objetivo, no contexto desses jogos, não é superar uma pessoa ou uma equipe, mas sim, um obstáculo, como: o espaço, o tempo, o medo, entre outros.

Observamos ainda que os sentimentos de união e respeito, também indicados pelos sujeitos, realmente costumam ser evidenciados pela prática dos Jogos Cooperativos, uma vez que implicam contato físico entre os seus participantes, facilitando, desse modo, que as manifestações de respeito e união fiquem explicitadas corporalmente.

Outro aspecto pertinente ao conteúdo dessa categoria é o fato de os sujeitos terem destacado pontos tão importantes no campo das relações sociais como vantagens na aplicação dos Jogos Cooperativos, entre eles, a união, a autoconfiança, a felicidade e o respeito.

Somos solidários aos sujeitos quanto aos aspectos pontuados e entendemos que, por meio da prática dos Jogos Cooperativos, podemos realmente vivenciar tais sentimentos e valores. No entanto, queremos considerar que a atmosfera presente em tais jogos não está imune ao conflito, como poderia supor a categoria em questão, pelo contrário, é muitas vezes no surgimento de um conflito durante os jogos que as relações de respeito, união e autoconfiança são construídas.

Vale lembrar que, na nossa perspectiva, o conflito não tem um caráter negativo, ele é inevitável, o que difere, entretanto, é a forma como nós lidamos com o conflito.

Segundo Lederach (1984),

...o conflito é essencialmente um processo natural de toda a sociedade e um fenômeno necessário para a vida humana, que pode ser um fator positivo nas mudanças e nas relações, ou destrutivo, segundo a maneira de regulá-lo. (apud Velázquez, p.25).

Nessa perspectiva, ao reconhecer o conflito como um processo natural, reconhecemos também os Jogos Cooperativos como um ambiente facilitador na busca de sua regulação.

Com relação à segunda categoria, “Dificuldade pela estrutura oferecida”, presente no quadro oito em 9,09% das falas, reconhecemos que a estrutura oferecida aos professores nas escolas, principalmente nas públicas, realmente pode, em muitos casos, dificultar sua ação.

Sobre a falta de estrutura para o trabalho docente, Delors (2003) observa que: *“A falta de financiamento e de meios pedagógicos assim como a superlotação das turmas traduziram-se, freqüentemente, numa profunda degradação das condições de trabalho dos professores”.* (p. 158)

No entanto, é importante que estejamos atentos, pois a dificuldade apontada pelos sujeitos estaria presente na utilização de jogos com as duas estruturas, cooperativa e competitiva. Dessa forma, o professor que, a partir de sua realidade de trabalho, encontra poucos recursos, como espaço físico e material didático, por exemplo, teria problemas para aplicar não só os Jogos Cooperativos, mas os Competitivos também.

Observamos ainda que a falta de estrutura encontrada em parte das escolas pode ainda, em alguns momentos, desmotivar a ação dos professores. No entanto, se professores e equipe técnica da escola reconhecem que pedagogicamente existem vantagens na aplicação dos Jogos Cooperativos, é importante que todos viabilizem, conjuntamente, tal aplicação.

Quadro 09 - Opinião dos sujeitos sobre as desvantagens de aplicar os Jogos Cooperativos.

CATEGORIAS	f	f%
1) “Não há desvantagem”.	3	37,50
2) “Dificuldades em lidar com um mundo competitivo”.	2	25,00
3) “Valorização do resultado”.	2	25,00
4) “Na introdução de regras”.	1	12,50

1) “Não há desvantagem”

Não existe desvantagem na aplicação dos Jogos Cooperativos.

Desvantagens, desvantagens eu não vejo nenhuma, não! Sujeito 5

Não consigo visualizar desvantagem alguma, não tem desvantagem... Sujeito 7

2) “Dificuldades em lidar com um mundo competitivo”

A aplicação dos Jogos Cooperativos oferece um risco, pois, aprendendo a ajudar a todos, a ser cooperativo, os alunos podem, futuramente, encontrar dificuldades

em lidar com um mundo competitivo no qual as pessoas têm outro comportamento.

*... eu acho que um professor, ele precisa saber dosar o cooperativo com o competitivo. É difícil? É difícil! Mas vai da turma que ele tem na mão, porque o cooperativismo às vezes pode fazer aquela criança muito, de repente, assim, ela ajuda todo mundo, ela faz tudo pra todo mundo, de repente, ela não vai receber aquilo, não que a gente faça uma coisa recebendo, mas na cooperação implica você ajudar e ser ajudado, você estar aplicando isso pra um grupo, então às vezes a cooperação pode, (...), assim, como eu posso explicar? Se a criança, quando vai crescer, não é que vai ser submissa, (...), ela pode é... ser muito boazinha? Entre aspas, que eu quero dizer, para esse mundo que a agente vive, é isso que eu quero dizer. Então, se tiver uma desvantagem, pode ser por esse lado... **Sujeito 4***

*...como eu vou incluir eles numa competição aí se eles não têm o espírito competitivo, eles só têm o espírito cooperativo? Eles não vão saber competir, vão acabar sofrendo pelo fato de só cooperar. **Sujeito 2***

3) “Valorização do resultado”

A desvantagem na aplicação dos Jogos Cooperativos está ligada ao fato de que existe muita valorização, quer por parte dos alunos, quer por parte dos próprios professores e por parte das instituições, pela competição e por resultados. Portanto, torna-se incoerente o trabalho com Jogos Cooperativos nestas circunstâncias, em que participar apenas não importa.

*Como eu te falo, eles têm uma noção muito diferente da Educação Física, então, por mais que você queira, se você coloca uma brincadeira (...) onde não tenha vencedor, então eles não têm interesse de estarem participando, não têm tanto interesse. Se você trabalhar com uma turma de 7ª e 8ª, eles não fazem, tá? ... **Sujeito 3***

*Desvantagens dos jogos cooperativos? Para um professor que visa à competição, como eu... é ... eu acho que... eu não consigo enxergar o cooperativismo dentro de uma competição na busca de um resultado, porque, infelizmente, hoje, ou felizmente (né?) dentro dos jogos escolares, dentro de campeonatos assim, estão se dando uma importância muito grande ao resultado. Então dessa forma é difícil você colocar para uma criança aquela frase “o importante hoje é apenas competir”, participar, não só ganhar. Não, hoje não, hoje há cobranças de algumas instituições do resultado. Então eu não consigo ver lado cooperativismo nisso, né? **Sujeito 1***

4) “Na introdução de regras”

Os Jogos Cooperativos não têm aplicabilidade nas situações em que o professor aborda as modalidades esportivas, por exemplo: handebol, voleibol, etc. Dessa forma, durante o processo de ensino-aprendizagem dessas modalidades, e considerando suas especificidades, os Jogos Cooperativos não teriam utilidade.

*Ah! Quando a gente tá na parte de introduzir... como chama... introduzir regras, nas atividades, nos jogos propriamente dito, nos jogos esportivos, eu não vejo como se enquadra os jogos cooperativos naquela coisa de aprender as regras mesmo de... dos processo pedagógico do arremesso do handebol, por exemplo, nestes casos eu não vejo como aplicar... **Sujeito 8***

Com relação aos dados apontados no quadro nove, encontramos quatro categorias nomeadas.

Na primeira delas, “Não há desvantagem”, presente em 37,50% das respostas, os sujeitos consideram não haver desvantagem na aplicação dos Jogos Cooperativos.

Consideramos que a aplicação de jogos com estrutura cooperativa realmente podem trazer muitos benefícios a todos os envolvidos, entre eles, alunos, professores e comunidade escolar.

No entanto, entendemos que, especialmente, um aspecto merece ser pontuado nesta categoria, ainda que não se caracterize totalmente como uma desvantagem. É o fato de os Jogos Cooperativos exigirem, dos sujeitos que os aplicam, um envolvimento diferente, se comparado ao dos Jogos Competitivos.

Para nós, a aplicação de jogos com estrutura cooperativa exige do professor uma postura aberta à reflexão, ao diálogo e à inovação, o que reconhecemos também ser possível com relação à prática dos Jogos Competitivos. Porém, por se tratar de um tipo de jogo com características diferentes, o professor, em muitos casos, acaba encontrando resistência por parte dos alunos, fato que, a nosso ver, exigirá que ele assuma a postura citada anteriormente.

Com relação aos jogos com estrutura competitiva, a familiaridade dos alunos com tais jogos acaba não exigindo do professor mudanças significativas na sua postura em aula.

O que queremos salientar, é que a opção pela prática dos Jogos Cooperativos, possivelmente, levará o professor a sair da sua “zona de conforto”, isto é, a rever suas concepções, aquilo que ele acredita já dominar e embrenhar-se num campo desconhecido, no qual a articulação das ações para a consecução dos objetivos propostos em muito dependerá de sua persistência para se concretizarem.

Quanto à categoria “Dificuldade em lidar com um mundo competitivo”, apontada em 25% das respostas, observamos aspectos muito significativos que emergem das falas dos sujeitos.

Entre eles, a visão de que os Jogos Cooperativos oferecem um risco às crianças, pois futuramente elas iriam se deparar com um mundo competitivo, o que lhes causaria sofrimento, pelo fato de não saber competir.

Dessa forma, os Jogos Cooperativos seriam como um “alimento muito gostoso”, porém “prejudicial à saúde”, já que trazem contribuições para a formação das crianças, mas oferecem riscos futuros, uma vez que aprendendo a cooperar, elas teriam problemas de ajustar-se ao mundo no qual as pessoas têm um comportamento competitivo.

Na nossa perspectiva, possivelmente, o risco que estamos correndo, seria o da perpetuação de um modelo competitivo e excludente, por meio da Educação, por não considerar outras possibilidades de intervenção em tal modelo. E que, possivelmente, nos próximos anos, todos nós, adultos e crianças, necessitaremos aprimorar nossa habilidade de cooperar, para enfrentar os atuais problemas, que, a nosso ver, exigem cada vez mais ações cooperativas para a sua possível solução.

Consideramos ainda que, ao conceber que a cooperação possa ser maléfica, os sujeitos reafirmam a postura apresentada na categoria “Somos todos competitivos”, presente no quadro cinco, na qual cooperação e competição não podem co-existir. Ou seja, ao aplicar os Jogos Cooperativos em suas aulas, o professor excluiria automaticamente os Jogos Competitivos e vice-versa.

Outro fato relevante, pontuado pelos sujeitos, é o fato de que os Jogos Cooperativos contribuiriam para a formação de crianças “muito boazinhas” que “só têm o espírito cooperativo”.

Consideramos que tais argumentos apresentados pelos sujeitos muito contribuem para essa discussão, dado que, na nossa perspectiva, jogar cooperativamente não implica automaticamente na criação de um “mundo cor-de-rosa”. Para nós, o “espírito cooperativo” não significa, necessariamente, submissão ou passividade diante dos desafios encontrados no mundo, conforme tal categoria, possivelmente, esteja sugerindo.

Entendemos que os jogos em questão contribuem para que aprimoremos nossa capacidade de aprender, de nos fortalecer e de agir com o outro na resolução de problemas comuns. Para nós, cooperação pede movimento e participação ativa.

Com relação à categoria “Valorização do resultado”, presente em 25% das respostas, os sujeitos apontam, como desvantagem na aplicação dos jogos Cooperativos, a valorização que instituições de ensino, professores e alunos atribuem aos resultados nas competições escolares.

Com relação à cobrança de resultados por parte das instituições educacionais, consideramos que, possivelmente, tal cobrança esteja associada à visão de que, ao vencer uma determinada competição escolar, a instituição vencedora estaria projetando seu nome como sinônimo de competência e qualidade do ensino por ela oferecido.

Tal visão, talvez, possa ser originária do esporte profissional, no qual o sucesso das equipes ou dos atletas, patrocinados por empresas, está diretamente

associado ao sucesso e à competência de seus patrocinadores. Em outras palavras, a crença de que a equipe ou os atletas são bons porque o patrocinador é bom.

Essa mesma lógica vale para a escola. Se os alunos se destacam em competições, é porque a escola é boa.

No entanto, ainda com relação à postura de cobrança, consideramos que, em função de os principais desafios vividos atualmente pela Educação Física apontarem para uma prática inclusiva, na qual as relações solidárias e cooperativas, entre outras, estejam presentes, e ainda, considerando que os PCNs de Educação Física têm como proposta a democratização, a humanização e a diversificação da prática pedagógica da área, tudo isso nos leva a entender que, possivelmente, a postura adotada por professores e instituições deva ser revista no sentido de que as competições escolares sejam mais coerentes com os desafios e as propostas atuais para a área.

Na nossa perspectiva, uma forma mais coerente de realização dos campeonatos e jogos escolares, possivelmente, aponte para a visão de Brotto (2001), segundo a qual, *“O importante é incentivar as pessoas a integrar os valores adequados ao jogo e a controlar a competição ao invés de serem controlados por ela”*. (p. 82)

Já na categoria “Na introdução de regras”, encontrada em 12,50% das respostas, os sujeitos apontam como desvantagem a aplicação dos Jogos Cooperativos em situações nas quais o professor aborde os fundamentos e as regras das modalidades esportivas. Nessa situação, para os sujeitos, os Jogos Cooperativos não teriam aplicabilidade.

Na nossa perspectiva, conforme discutimos anteriormente na categoria “Explorando jogos”, presente no quadro sete, os Jogos Cooperativos ainda carecem de mais estudos que possibilitem inseri-los, com maior freqüência, nos procedimentos de ensino-aprendizagem das modalidades esportivas.

No entanto, uma boa contribuição para essa questão possivelmente seja a visão de Orlick (2002) de que podemos “jogar cooperativamente jogos competitivos”. Na perspectiva do autor, se ensinarmos a crianças e jovens habilidades, como autocontrole, respeitar os outros, jogar limpo, enfatizar lições positivas mesmo na derrota, bem como promover valores humanos positivos, durante os Jogos Competitivos, estaremos incluindo características cooperativas a tais jogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de análise das entrevistas, nos sentimos provocados a refletir sobre nossas próprias ações durante as aulas que ministramos como professor de Educação Física. Dessa forma nossa preocupação esteve voltada à realização de uma análise coerente com a realidade, que considerasse nosso discurso, nossa prática, e não apenas a adoção de uma postura que culpabilizasse os sujeitos da pesquisa.

Nesse sentido, após a análise dos dados coletados, a partir das entrevistas com os oito sujeitos, chegamos às seguintes considerações:

a) A visão de que, ao optar pela prática dos Jogos Cooperativos, estaríamos automaticamente optando pela exclusão dos Jogos Competitivos esteve muito presente nas respostas.

Em raros momentos a possibilidade de co-existência entre as duas estruturas, cooperativa e competitiva, foi considerada. Tal fato possivelmente esteja atrelado à visão, ao nosso ver, bem cristalizada, de que os Jogos Cooperativos fazem oposição aos Jogos Competitivos.

Desse ponto de vista, existiriam duas formas excludentes de aplicação de jogos nas aulas de Educação Física: uma a partir dos Jogos Cooperativos e outra a partir dos Jogos Competitivos.

Ao longo dos treze anos acompanhando o movimento dos Jogos Cooperativos no Brasil, observamos que num primeiro momento esta oposição esteve presente, o que motivou muitas discussões acirradas entre profissionais da Educação Física.

Hoje reconhecemos que uma das grandes contribuições desse movimento, ainda presente, é a busca do equilíbrio na relação entre cooperação e competição nas aulas de Educação Física, e não mais a visão dicotômica de ambos. No entanto, reconhecemos que vivemos ainda um desequilíbrio, pois o contexto das aulas ainda privilegia as estruturas dos Jogos Competitivos.

b) Os Sujeitos, em sua maioria, consideram aspectos muito positivos na prática dos Jogos Cooperativos.

No entanto, mesmo reconhecendo tais aspectos, não demonstraram o domínio das características e estruturas básicas dos Jogos Cooperativos como, por exemplo, as diferentes categorias de jogos que representam diferentes formas de intervenção e que muito contribuiriam para o trabalho do professor.

Um aspecto que possivelmente demonstre o desconhecimento, por parte dos professores, quanto às características e estruturas dos Jogos Cooperativos, é o fato de que os sujeitos, em sua maioria, reconhecem a necessidade de uma Educação Física que facilite a inclusão de todos por meio de sua prática, porém não demonstraram clareza das reais contribuições dos Jogos Cooperativos para a promoção de tal inclusão.

Outra questão que merece ser considerada é o fato de que, no processo de caracterização dos sujeitos, momento em que perguntamos sobre cursos realizados nos últimos três anos, apenas dois sujeitos informaram já terem feito cursos de Jogos Cooperativos.

Nesse sentido, reconhecemos que a prática dos Jogos Cooperativos carecem ainda de procedimentos de ensino-aprendizagem sistematizados, de forma que os

professores tenham maior subsídio para a sua aplicação em diferentes níveis de ensino. Dessa forma, fortalecemos a idéia de que os Jogos Cooperativos representam um conhecimento ainda novo, necessitando, por isso, de estudos que tragam maior aprofundamento na área, para que seus conhecimentos sejam mais bem articulados na prática docente.

c) Os Jogos Cooperativos, quando apontados como uma prática adotada pelos sujeitos, estão invariavelmente desvinculados de qualquer outra ação coletiva da escola, seja por parte do grupo de professores de Educação Física ou mesmo em relação à equipe da escola como um todo.

Nesse sentido, consideramos que a ação do professor, ao utilizar os Jogos Cooperativos na Educação Física, ainda que acompanhada de reflexão e mudança de atitude por parte do grupo, o que, ao nosso ver, seria muito positivo, acaba não atingindo suas reais possibilidades por ser uma ação restrita ao espaço das aulas de Educação Física.

Dessa forma, reconhecemos que, quando essa mesma ação, baseada nos Jogos Cooperativos ou nos princípios da cooperação, envolve a escola como um todo - corpo docente, equipe técnica e funcionários - certamente ela será uma ação potencializada por envolver todo o grupo, o que poderá aumentar seu poder de transformação.

Segundo Thurler (2002), a cooperação profissional de professores não é uma tarefa das mais fáceis, nas palavras da autora: *“continua sendo um enigma, uma espécie de ‘caixa-preta’ ”*. (p. 95). Isso demonstra haver uma certa complexidade para que a articulação dos docentes aconteça.

Consideramos que o envolvimento da equipe de professores, da equipe técnica e funcionários, em objetivos comuns é, em muitos casos, o ponto de partida para que o sucesso do trabalho pedagógico seja alcançado.

Sobre a relação da cooperação com o trabalho desenvolvido na escola, Thurler (2002) observa que: *“Quando ela existe, parece contribuir para o êxito das ações pedagógicas e estruturais que os estabelecimentos escolares empreendem para melhorar os resultados de seus alunos”*. (p. 95)

Dessa forma, consideramos que o trabalho coletivo entre o corpo docente, equipe técnica e funcionários deva ser cada vez mais estimulado, para que a prática pedagógica seja cada vez mais investigada, avaliada e articulada coletivamente.

d) A visão de que o “mundo é competitivo”, explicitada pelos sujeitos em muitos momentos de suas respostas, inviabilizaria ou enfraqueceria a prática dos Jogos Cooperativos.

Consideramos que tal visão demonstra uma concepção conflitante, pois, ao mesmo tempo que os sujeitos apontam aspectos muito positivos na prática dos Jogos Cooperativos, reconhecem também um mundo competitivo e inadequado para tais jogos.

Podemos daí concluir que a concepção de que estamos de “mãos atadas” ficou evidenciada, ou seja, temos bons argumentos para aplicar os Jogos Cooperativos, mas, por outro lado, temos um contexto que não se demonstra facilitador desses argumentos.

Na nossa perspectiva, não consideramos que o mundo seja competitivo ou cooperativo, que ele esteja pronto e acabado, e que por isso nosso papel no mundo, enquanto indivíduos, seja o de reproduzir os modelos encontrados.

Consideramos que o mundo está em constante movimento e que esse movimento é determinado por ações individuais e coletivas do homem que as imprime na cultura.

Assim, acreditar numa ação que promova novas formas de relações sociais e suas transformações, nesse caso, os Jogos Cooperativos, é entender a cultura como uma estrutura aberta e flexível. É exatamente por entender a cultura como algo vivo e em constante transformação que acreditamos na possibilidade de o homem intervir nela e, ao mesmo tempo, sofrer suas influências.

A visão de um mundo competitivo, bem como a idéia de sua imutabilidade, nos suscita ainda algumas considerações.

Segundo Humberto Maturana (2004), há aproximadamente, cinco a sete mil anos antes de Cristo, os povos da Europa viviam a partir da perspectiva da “Cultura Matrística”. Segundo o autor, tal cultura era regida por princípios como participação, cooperação, companheirismo e harmonia com a natureza.

O fim da “Cultura Matrística” e início da “Cultura Patriarcal”, presente até hoje no mundo ocidental, foram marcados pela invasão da Europa por povos indo-europeus. Os princípios que regem a “Cultura Patriarcal” são: a apropriação, a competição, a negação do diferente e o controle.

Se considerarmos que a história da humanidade na Terra é muito recente, se comparada com a do planeta, os fatos abordados por Humberto Maturana não parecerão tão distantes.

Queremos incluir esse fato em nossa discussão como exemplo de que a história do homem está sempre propícia a intervenções e reconstruções. Portanto, para nós, é importante que seja destacado o fato de que a utilização dos Jogos Cooperativos pede uma postura crítica do professor capaz de dimensionar o alcance de suas intervenções. Para que esse alcance seja mais bem dimensionado, é importante que algumas perguntas sejam feitas:

Aplicar Jogos Cooperativos para quê?

Tais jogos podem realmente interferir positivamente nas aulas que desenvolvo?

Se as respostas forem positivas, isso exigirá do professor uma postura não conformista e uma disposição capaz de empreender esforços na busca do novo, principalmente no que diz respeito à revisão de seus próprios conceitos e modelos.

Podemos ainda, neste espaço, elencar mais algumas considerações:

Um outro olhar sobre o jogo

Nossa cultura tem uma concepção de jogo bastante diferente, se comparada à cultura de outros povos. Como exemplo, temos os guaranis que, assim como boa parte dos povos primitivos do Brasil, têm uma relação com o jogo que muito se aproxima de um ritual.

Para os guaranis, um jogo tradicionalmente masculino, chamado “jeroqui” é realizado especialmente quando os integrantes da tribo sentem a necessidade de lidar com os “espíritos negativos”. Como para essa cultura lidar com os “espíritos negativos” exige estar com o coração desperto, o jogo acontece com este objetivo principal: despertar os corações uns dos outros.

Para isso os participantes formam um círculo com os braços entrelaçados e, batendo o pé direito no chão, fazem que o círculo gire no sentido horário. Num determinado momento do jogo uma dupla, em comum acordo, dirige-se ao centro do círculo para disputar entre si. A tarefa de ambos será fazer com que o lado esquerdo do seu tórax acerte o lado esquerdo do tórax de seu oponente.

Quando isso acontece, os integrantes do círculo gritam, tornando o jogo mais vibrante.

Tal jogo acontece com a presença de um juiz que tem a função de informar quem foi o vencedor. Como em muitos momentos o tórax de um e de outro se chocam ao mesmo tempo, o jogo muitas vezes acaba empatado.

Ao término do jogo - para nós esse é o ponto essencial desta discussão - os jogadores estão igualmente felizes. Mesmo nos casos em que um índio perde a disputa, esse fato não tem caráter depreciativo. Não existe humilhação, ofensa ou sentimento de inferioridade na derrota.

Neste sentido Orlick (1978) nos diz:

Os Jogos Competitivos nas culturas cooperativas não parecem constituir um grande problema, porque vencer nunca é uma questão de vida ou morte. Embora o jogo seja estruturado de uma forma competitiva, os jogadores o encaram de uma maneira amistosa e cooperativa. Embora os indivíduos possam se esforçar para fazer o melhor possível, não há vergonha pelo fato de alguém se sair melhor e nem há qualquer animosidade contra os "adversários". Eis aí uma competição saudável e mutuamente reforçadora. (p. 114)

Os guaranis jogam a partir de uma lógica muito diferente da nossa. As ações dos integrantes do jogo tiveram o mesmo objetivo: despertar o coração do oponente para que ele lide melhor com os “espíritos negativos”.

Não estamos considerando que devemos abandonar nossa cultura e adotar a cultura dos guaranis. Ao incluir, como exemplo, a visão de jogo dos guaranis em nossas considerações finais, o fizemos com o objetivo de repensar nossa forma de encarar os jogos que temos jogado, bem como a forma como temos encarado nossos adversários.

Tornar-se Humano

“O homem está num processo de humanização”.

Esta foi uma das frases de Edgar Morin durante uma palestra no TUCA, em São Paulo, no ano de 1997. Nessa frase o autor falava de nosso inacabamento enquanto seres humanos.

Nessa mesma perspectiva, Paulo Freire (1996), argumenta que, *“Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”.* (p. 55)

Consideramos que esse sentido de inacabamento do ser humano, apontado por Morin e Freire, seja o combustível gerador das utopias que nos movem a buscar novas formas de ser e estar no mundo. Nessa direção, a busca do novo, do que está por vir, é algo que o homem incansavelmente vem buscando. No entanto, o que nos parece uma necessidade urgente é que o novo esteja comprometido com o processo de humanização.

No campo da Educação e especialmente no ambiente escolar, penso que essa busca deva ser vivida e concretizada. Ao estudar os Jogos Cooperativos em nosso mestrado, reconhecemos que a experiência de valores, como cooperação, solidariedade, respeito e confiança, possíveis por meio de sua prática, possa também contribuir para o nosso “processo de humanização”, que está sempre em franca construção.

IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. *Boff e a carta da terra*. Santa Catarina, Jornal – Foto & Verão, março / maio de 2003.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. In: *Corpo e Educação*. Campinas: Cadernos Cedes, n. 48, 1999.

BRANDÃO, Carlos R. *O trabalho de ensinar*. Santos: Apostila utilizada no curso de Pós-Graduação em Jogos Cooperativos – Projeto Cooperação / Unimonte, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais. Educação Física – 3º e 4º ciclos*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROTTO, Fábio Otuzi. *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar*. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

_____. *Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de Convivência*. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

BROWN, Guilherme. *Jogos cooperativos: teoria e prática*. São Leopoldo: RS. Sinodal, 1994.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Porto: Cotovia, 1990.

CALLADO, Carlos V. *Educação para a Paz*. Santos: Projeto Cooperação, 2004.

CARSE, James P. *Jogos finitos e infinitos*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.

CASTELLANI, Lino. *Educação física no Brasil. A história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1991.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2001.

CORTELLA, Mario S. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina. Apresentação e análise das principais abordagens da Educação Física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis: v. 20, n. 01, 1998.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 2003.

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Plano, 2003.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLARDO, Jorge Sergio P. (Org.). *Didática de Educação Física: A criança em movimento*. São Paulo: FTD, 1998.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LEITE, S. A. S. e TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In AZZI, Roberta Gurgel e SADALA, Ana Maria Falcão de Aragão (Orgs.). *Psicologia e formação de professores: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 113-138, 2002.

MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MOREIRA, Wagner Wey (Org). *Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1993.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLICK, Terry. *Vencendo a competição*. São Paulo: Circulo do livro, 1978.

_____. *Jogar cooperativamente jogos competitivos*. Sorocaba: Revista Jogos Cooperativos, 2002.

PAES, Roberto R. *Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental*. Canoas: ULBRA, 2001.

PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: outros caminhos*. Porto Alegre: Edições EST/ESEF, 1993.

_____. *Educação Física: temas pedagógicos*. Porto Alegre: Edições EST/ESEF, 1992.

SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 1996.

SIMÃO, Livia M. O significado da interação verbal para os processos de construção de conhecimento: Proposta a partir da ótica Boeschiana. In LEITE, Sérgio Antônio da S. *Cultura, Cognição e Afetividade: A sociedade em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

TANI, Go (Org). *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU, 1997.

THURLER, Monica G. e PERRENOUD, Philippe (Orgs). *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANEXO

JOGOS COOPERATIVOS NA ESCOLA: A CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

ENTREVISTA COM PROFESSOR

Bairro e cidade em que está localizada: Santos – Jardim Castelo.

Instituição em que você se graduou: FEFIS – UNIMES.

Ano de conclusão: 1987

Cursos complementares nos últimos 03 anos:

Eu fiz já um curso no ENAF que era referente a recreação escolar de 1^a. a 4^a. série

Você lembra em que ano foi?

Em 98 mais ou menos. Você quer nos últimos 03 anos?

Olha, eu fiz, mais só o da complementação pedagógica.

É que eu fazia muito anteriormente, mas tudo na área do esporte mesmo, né? Aí depois que eu comecei a fazer essa parte pedagógica...

Em 03 anos você fez sua complementação pedagógica?

03 anos e meio. Terminei agora recentemente na Don Domenico.

Na Don Domenico?

Isso no Guarujá.

Cursos de final de semana, cursos mais curtos nesses últimos 03 anos, você fez algum?

Não, não.

Inclusive esse de complementação ele era aos sábados, era final de semana.

Cursos de 16 horas, 08 horas?

Não, só quando aqui na escola capacitação, né? Pelo Estado eles fizeram sim. Ano passado eu fiz, porque eu trabalhei com 1^a. a 4^a. série então teve capacitação, nós fizemos 4 capacitações.

E quais foram os temas? Você lembra?

Referente ao movimento, tudo trabalhado referente ao movimento, né? Então você tinha que saber é... parte de coordenação, é flexibilidade, tinha que estar trabalhando com eles isso, eles conhecendo o corpo né. Então tinha um esquema pra que a gente trabalhava com isso.

E vieram profissionais aqui na escola dar esses cursos?

Não, não, nós tínhamos o curso na Delegacia de Ensino. Nós éramos convocados e nós íamos para a D. E.

E foram uns 04 cursos mais ou menos?

Mais ou menos.

Todos com o foco na Educação Física?

Isso, de 1^a. a 4^a. série.

Você tem idéia do total da carga horária desses cursos, somando os 4?

Eu acho, eram 8 horas.

Cada um 8 horas?

32, né? 32 horas.

Quanto tempo você leciona: 12 anos.

Atualmente qual o grau de ensino e a série: Ensino Fundamental 5^{as}, 7^{as} e 8^{as} e Ensino Médio Noturno.

Quantas aulas semanais você tem: 44 aulas.

Quantas na rede pública e quantas na rede particular: 32 na escola pública.

01)Na sua opinião qual a importância da Educação Física Escolar?

Eu acho assim: bastante importante porque eles tem uma visão referente ao movimento, né? Porque o aluno, hoje em dia, ele só vê na E. F. a parte de futebol, então quando você entra com uma outra, você quer dar uma outra noção para ele do que é mesmo E.F., então eles não aceitam muito.

Então você tem que estar trabalhando aos poucos e aí você tem que passar para eles é... que a E. F. ela é como qualquer outra disciplina, que ela tem que ser estudada, e que para você estudar você tem que passar tudo o porque ele estar fazendo aquele movimento, pra que serve aquele movimento, entendeu?

Então eu acho que eles tem que saber que a E.F. não é só jogar bola, que a E.F. tem que ser estudada totalmente, entendeu?

Para você a importância está mais associada então a questão da importância do movimento?

Do movimento, isso. E saber porque daquilo, né? Porque eles não sabem, eles fazem mas eles não sabem o que eles estão fazendo, para que serve, entendeu? Eles não sabem, você conversa com a molecada hoje em dia, eles, eles sabe... você fala assim: é...para que serve esse tal movimento? Né? Eles não tem noção disso, eles não, eles vêem a E.F. como uma disciplina qualquer, entendeu?

E aí a gente tem que estar trabalhando, integrando também a E.F. com outras disciplinas, né?

Esse ano eu comecei a trabalhar... com 5^a. série, eu trabalho assim, ta?: então eu faço com eles tanto essa parte do movimento; como eu trabalho com eles a parte de regras, ta?; também trabalho com eles é... eu falo assim para eles, que eles tem que estar sabendo tudo que acontece no momento, como houve o caso do jogador que teve aí, então nós começamos a debater isso, a gente procura trazer para eles coisas também atuais, sabe? Que eles estejam envolvidos também, né?

Tem algum outro aspecto que você julgue importante pontuar sobre a questão da importância da E.F.?

Como assim?

Alguma coisa que você julgue importante.

Você falou, por exemplo, a questão do movimento. Algum outro aspecto que você queira pontuar?

A gente trabalha visando também a E.F. como qualidade de vida, né? A melhor qualidade de vida. Isso aí eu já trabalho melhor... já trabalhei com a turma de 5^a. série, mas essa parte eu já trabalho, já com os maiores, 7^a e 8^a, visando o corpo, né? Porque eles têm uma mania... jovens, as meninas principalmente, de estar muito magra, de estar muito gorda, então você trabalha a parte da qualidade de vida também, passando pra eles a questão da alimentação, a importância do exercício, pra que serve, entendeu? Ta?

Que difere da idade né, deles.

02)O que é competição para você?

Você poderia dar um exemplo prático?

Competição.

Pra mim né, eu trabalho com.... assim, competição você sabe que é um contra, né? Tem que ter o vencedor e o perdedor, né? Mas a escola assim, eles tem essa visão, ta? Pra eles é o competir pra um contra o outro, ta? Esse negócio de você também ta trabalhando esse cooperativo assim... é um pouco difícil, né? Você vai terminar trabalhando essa parte de exclusão porque a competição é exclusão, né? Você termina às vezes excluindo um porque por mais que você fale: não, olha vamos participar, você está participando, você vai conseguir, mas eles querem vencer, entendeu? Então a gente... eu tento trabalhar com eles isso, mas é difícil, não é fácil não.

Sobre a competição, você poderia dar um exemplo prático sobre o que é competição?

É ... olha geralmente, você quer dizer assim no sentido do jogo?

É do jogo ou fora do jogo, um exemplo que você pudesse dizer para mim, competição é isso.

Tudo é competição. Tudo que a gente faz é competição.

Um exemplo.

Você participar de um concurso é uma competição.

Um monte de gente está competindo pra tal número de vagas, isso é competição. Eu tento falar, o pessoal falar, vamos trabalhar a cooperação, mas tudo onde você vai é competição, entendeu?

Então como você vai trabalhar com a criança, vai ta vendo o lado cooperativo se tudo que ela faz é competitivo? Entendeu?

Sempre você vai ter, vai estar competindo com alguém, entendeu, pra ter um resultado, o que você vai estar objetivando é o teu resultado, qual é o teu resultado? É chegar a alguma coisa. Não é isso?

Então, o lado que eu vejo aí é o lado de um concurso mesmo, você vai preparar um aluno pro lado cooperativo sendo que mais tarde ele vai estar competindo, né?

A competição no exemplo que você poderia dar é um concurso público, por exemplo.

É participar de um concurso público.

03)O que é cooperação para você?

Você poderia dar um exemplo prático?

Cooperação é você não estar excluindo ninguém né?

Você trabalhar com a pessoa junto com a pessoa, a união de todo mundo, o grupo estar unido, o coletivo, ta todo mundo junto visando o que? O todo, o que está envolvido.

Você poderia dar um exemplo prático?

Cooperação?

Sei lá.

O trabalho coletivo.

---silêncio----

É no trabalho coletivo.

Dá um exemplo.

---silêncio-----

Você quer dizer tipo uma dinâmica?

Como a cooperação fica explícita para você no dia-a-dia, na tua aula?

---silêncio-----

Sei lá, nem sei te responder.

Cooperativo...

Eu sei assim, que nem eu te falo, é você estar vendo a união, o grupo, né? Visando o grupo, mas no nosso dia-a-dia, esse lado cooperativo, acho que ele é muito assim vago, não sei dizer. Eu acho ele muito vago.

Porque, que nem eu te falo, eu acho que por mais que você queira trabalhar o lado cooperativo você tá visando muito o competitivo. Eu vou falar pra você: existe o cooperativo? Existe, mas a gente vê muito esse lado competitivo, entendeu?

Agora no momento eu, sei lá, to sem idéia.

04) Suponha que durante o desenvolvimento de um Jogo, por exemplo de Handebol, apenas alguns alunos recebem a bola e realizam as jogadas. Num determinado momento os alunos que não estão recebendo a bola, sentindo-se incomodados com isso, fazem uma reclamação para você.

De que forma você interviria na situação?

Por quê?

Primeiro eu ia falar que essa situação do jogo tem que estar todos envolvidos, então o que você iria fazer, olha você iria arrumar uma estratégia onde você ia pedir para que eles passassem a bola para todos porque o direito é de todos participarem. Então você fala em questão de cooperação numa escola as vezes não é difícil você estar trabalhando, porque você coloca estratégias: olha, só vai valer o gol se você passar a bola pra todo mundo ta?

Então é uma estratégia, então eles vão estar trabalhando o cooperativo, agora quando você fala em cooperativo no teu dia-a-dia, aí eu já acho complicado, ta?

Agora na sala de aula, não.

Eu resolveria assim: olha vamos fazer uma coisa, então nós vamos só poder fazer gol se a bola passar por todo mundo. Só vai valer gol nessa situação, então eles iriam aprender a distribuir melhor a situação da bola, entendeu?

E porque você faria esse tipo de intervenção?

Porque aí eu não iria estar excluindo ninguém, entendeu? Todos vão estar participando e eu acredito que eu não iria ter nenhuma reclamação de aluno.

Então vamos dizer assim: o princípio que mobilizou você a tomar uma decisão como essa, por exemplo, que você está falando, é incluir uma regra em que eles tivessem que passar a bola para todos antes de sair o gol. É... você está fazendo isso por conta da inclusão dos alunos?

Sim, porque a partir do momento que você percebe que não está sendo passado, então você tem que lançar um outro tipo de estratégia. Não deu certo? Então você vai lançar uma outra, você vai, tipo assim, por uma regra, né? Então olha, agora

vamos mudar, vamos fazer é... com que a bola, ela venha e... sabe não pode ficar só numa pessoa, tem que todos participarem, ta?

Porque o objetivo é que você passe, porque na escola não tem que ter exclusão, na escola você vê o aluno, todos são iguais, você ta vendo de escola, de E.F. escolar, todos são iguais. Eu não vejo diferença, então não tem o porque que eu vou estar excluindo um aluno, mesmo que ele não tenha vai, uma habilidade mais que o outro, porque você sabe que sempre vai entrar nesse lado. Tem um aluno, se eles começam a excluir é porque eles verificam que aquele tem mais habilidade. O aluno vê o que? Ele vê resultado. Na cabecinha dele ele quer ganhar, entendeu?

Ele não ta vendo..., a primeira reclamação que a gente vê deles assim: ah, mas ele não sabe jogar. Então aí é onde você..., eles mesmo já começam a excluir aquele aluno, então aí é onde você começa com essa estratégia. Você pode estar montando outras estratégias, entendeu? Mas acho que o ponto é esse, você está dando é..., tentar tirar, né? Fazer com que eles mesmos, um sirva o outro, né? Um ajude o outro.

5) O que você entende por Jogos Cooperativos?

Jogos Cooperativos... é o que eu te falo, é trabalhar todos juntos sem ter a exclusão de nenhum, ta? Do jogador, eu já tive a oportunidade de estar lendo aquele livro do Brotto, né? Então trabalha a união a cooperação é visando, assim, como você fala, sem a exclusão de ninguém.

Você pode dar um exemplo de um jogo, como isso aconteceria durante um jogo?

Quando eu trabalhava aqui nessa escola, a uns 3 anos atrás, eu trabalhava bastante com aquele livro do Fábio Brotto, né? Então ali a gente trabalhava aquela dança da cadeira, teve outra brincadeira também, eu já tive cursos com ele também, acho ele maravilhoso, até nem lembro agora o nome da brincadeira, mas, era, tipo assim, uma apresentação que você fazia onde todos participavam sentados numa carteira, cheguei a trabalhar aqui, então... Quando eu tive aquele curso eu passei bastante coisa aqui pro pessoal, até a dinâmica que tinha lá a gente utilizava jogos, sabe? A gente utilizava na sala.

6) Na sua opinião quais são as diferenças básicas entre os Jogos Competitivos e Jogos Cooperativos?

Primeiro é que no competitivo sempre vai ter um vencedor, né? E no cooperativo todos são vencedores, né? Então é... que nem a gente tava comentando, os jogos competitivos ele seria assim: deixando o time derrotado com auto-estima baixa, né? E você tem que trabalhar bastante pra ta elevando aquele grupo. Já o cooperativo não, o cooperativo como não tem esse negócio de... pra todos vencedores, então não tem esse "O porquê" você, lógico, você vai trabalhar o lado psicológico dele, mas não tanto quanto o competitivo entendeu?

Na estrutura do jogo, na estrutura básica do jogo você vê alguma diferença no desenvolvimento do jogo na estrutura?

Do competitivo pro cooperativo, quando eu trabalho com o pessoal aqui a gente... assim, espontaneamente, você termina tentando levar mais pro lado competitivo né, mas você percebe sim, lógico; competitivo é que nem eu te falo eles estão jogando, eles vão visar sempre os melhores, ta? E no cooperativo não, eles vão ta se unindo mais, eles vão ta jogando, mas um vai estar ajudando o outro, entendeu? Então é tipo assim, eu vou... não importa se aquele lá tem mais habilidade ou não têm, eles vão ta juntos, né? Entendeu?

07) Em que situação você não aplicaria os Jogos Cooperativos?

Por quê?

Em que situação? Numa situação de competição de jogo mesmo, campeonato. Num campeonato onde é... vai campeonato estadual eles não visam a cooperação, eles visam a competição, você ta treinando.. tipo assim, turma de treinamento, você ta treinando a turma de treinamento, ali não tem esse negócio de cooperação é competição mesmo, é treinar o pessoal pra competir, entendeu? Alias a turma de treinamento, corrigindo né, no Estado é ACD: atividades curriculares desportivas.

Porque você acha que não aplicaria durante uma competição de jogo?

Porque ali você ta visando a vitória diretamente entendeu, você trabalha pra você obter resultado e no cooperativo você não vai assim obter um resultado, você vai ter um resultado, só que você vai ter um resultado diferente, ta? Do que numa competição; na competição não você tem que trabalha pra vencer, entendeu? Você trabalha, você tem que ter aquele resultado vitorioso é pra você isso. Você ta treinando, você é um técnico daquela equipe, então você tem que trabalha pra ter um resultado melhor. Eu vejo por esse lado.

Alguma outra situação em que você não aplicaria que você lembre?

Sem ser competição?

Sem ser nessa situação de jogos, de campeonato, alguma outra situação?

Eu acho (--silêncio--) bom em situação (---silêncio---), eu acho que em situação de concurso mesmo, de você ta fazendo uma prova para alguma coisa, a partir do momento que você já coloca, em que você tem que obter um resultado, já não é mais cooperativo eu acredito assim. Você não acha? Entendeu? Se você tem que obter um resultado então acho que tem que ser... já não passa mais ser o cooperativo, já passa pro competitivo, ta? Porque eu vou estar vendo a minha

parte, eu quero obter um resultado. Agora, se você tá vendo o lado do grupo, aí é diferente é lógico você pode estar trabalhando com exercícios, tá? Mais se você vai visa ah! eu quero vencer, eu vou tá trabalhando dessa forma, então aí você tá pro lado competitivo. Então eu acho assim, se você fala num concurso, num jogo, agora de memória... o trabalho mesmo que vou disputa uma vaga ou entrevista, isso não é o lado competitivo entendeu, pra mim conseguir alguma coisa, pra mim vai ter um monte de gente e ali, tipo assim, quem sai é o melhor pra conseguir.

Então você falou que você não aplicaria numa situação de um campeonato, quando o grupo estivesse envolvido num campeonato, aí você deu alguns exemplos, assim fora da situação de aula, prestar um concurso... Vamos pensar assim, no teu trabalho, na tua rotina de trabalho que você costuma desenvolver na escola, né? No caso preparação pra um campeonato é um dos trabalhos que você desenvolve. Que outra situação dentro do teu trabalho na escola você não aplicaria os Jogos Cooperativos?

Aqui na escola eu vou te falar de uma forma geral, né? Geralmente, que nem eu te disse, eu não... é difícil eu trabalhar os Jogos Cooperativos aqui. Você vê nós temos o que, uma base de uns 35, 40 alunos, né? Então quando eu coloco, eu coloco assim eles pra tá jogando, então eles jogam entre eles, então é a gente não trabalha com Jogos Cooperativos. Às vezes, uma vez ou outra que eu coloco uma brincadeira de estarem pondo... vai ficarem um... como eu posso te falar, um tá puxando o outro, faz de conta, eles fazem um grupo eu vou ter que fazer um grupo, aí vem pra fazer nosso grupo, então... vocês vão ter que tá mudando o grupo vão pra outra turma, entendeu? Mas na escola... aqui é difícil trabalha a parte cooperativa, muito difícil, eu acho que o número de alunos é grande, a gente as vezes... sabe! Na Quadra, não é fácil, não é fácil.

O número de alunos pra você é uma dificuldade?

É, é.

8) Na sua opinião quais são as vantagens de se aplicar os Jogos Cooperativos?

A vantagem é deles estarem mais aguçados, né? De estarem mais juntos, mas que nem eu te falei, se fosse pensar no Estado, em estar dando aula de Jogos Cooperativos é difícil, não é fácil, entendeu? Mas é, a gente procura fazer o máximo, é que nem eu te falo, procura tá ajudando o pessoal. Tá clara a resposta? Não tá muito não, né?

Eu queria que você falasse uma vantagem, pra você.

Trabalha a cooperação a união deles é... procurar assim falar pra eles, essa parte de valores, sabe? Porque hoje em dia os valores, eles estão assim um pouco perdidos com isso, entendeu? Com essa situação de solidariedade, de estar

ajudando alguém, entendeu? De estar ajudando, ta? Então eu acho que isso é válido, você ta trabalhando com isso, né?
então seria isso! É isso que você quer saber?

É o que você vai responde.

Eu to pensando nesse sentido, ta?
Seria isso.

Pra você a pergunta ta clara?

É de você estar ajudando, a vantagem seria isso, você estar trabalhando melhor com eles essa parte, assim quanto a cooperação, a solidariedade, assim, ou seja, valores, ta? Com esses alunos. Porque eles tão meio perdidos nessa parte de valores, eles não sabem, eles não têm um pingão de respeito com eles, imagine com os outros. Eu acho que isso entraria numa parte assim melhor. Atualmente nós tivemos uma capacitação pra trabalhar com medicina oriental chinesa, né? Seria onde assim você procura trabalhar a parte do equilíbrio do aluno, né? Trazer o aluno mais pra si, então acho que é muito válido também, foi bom isso, foi uma turma de 5ª série, ta? Que é uma turma que ta iniciando e você consegue trabalhar melhor, já uma turma que vem de 7ª e 8ª, do Ensino Médio, aí é difícil, porque depende de como que é que eles foram trabalhados anteriormente. Entendeu?

9)Na sua opinião quais são as desvantagens de se aplicar os Jogos Cooperativos?

Desvantagens? Bom, falei de vantagens que são os valores, né? Agora desvantagens... é que nem eu te falo... é difícil o Estado ta trabalhando com isso aí, pra se ter uma desvantagem, sei lá... o numero de alunos mesmo, entendeu? A gente estaria trabalhando melhor se nós tivéssemos com um menor número de alunos, se eles estivessem mais interessados em estar aprendendo. Como eu te falo, eles tem uma noção muito diferente da Educação Física, então por mais que você queira, se você coloca uma brincadeira de vai, onde não tenha vencedor, então eles não tem interesse de estarem participando, não tem tanto interesse. Se você trabalhar com uma turma de 7ª e 8ª. eles não fazem, ta? Eles não vão ta nem fazendo, só se você ficar em cima deles, 5ª série, 6ª série você consegue ter um trabalho melhor com eles, ta? Porque eles te atendem melhor, já é da criança, eles ainda estão naquela fase que tudo que você pede eles fazem. Pra eles tudo é bom, tudo é gostoso, eles são incentivados, entendeu? Então eu acho que é isso.

Tem alguma coisa que a partir da aplicação dos jogos cooperativos você detecte como uma desvantagem?

(---Silêncio--)

Por exemplo, você aplicou o jogo cooperativo e após aplicar o jogo cooperativo você apontou que aquilo não foi vantajoso.

Não foi vantajoso?

(---Silêncio---) Sabe o que é, é que, que nem eu to te falando! Como eu não estou trabalhando com jogos cooperativos, quando você ta na prática com aquilo, você, fica mais fácil de você detectar, né? Mas hum...Não sei te responder.

Tem alguma questão que durante a nossa conversa você queira pontuar que por acaso tenha faltado a gente conversar, e você queira falar agora?

Não, não que faltou, eu só fiquei meia surpresa né, com as perguntas, a gente fica até sem jeito de responder, né?

Por que?

Porque que nem eu te falo. É diferente você viver uma situação então no momento eu não vivo a situação de estar trabalhando com os jogos cooperativos, eu acredito, assim, eu tenho a noção do que é, entendeu? Mas a noção de você... do que é pra, o que você pratica é diferente, né? É bem diferente.

Então você ficou surpresa?

Fiquei sim, fiquei, é um pouco apreensiva no começo, mas depois com o desenrolar das perguntas...

Bom, eu te agradeço.

Que é isso! Eu espero ter te ajudado.

Ajudou.